



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO – PPGE_n
MESTRADO ACADÊMICO EM ENSINO**

PYERRE RAMOS FERNANDES

UM TESTAMENTO DE ANDREW MARTIN

VITÓRIA DA CONQUISTA, BAHIA

2018

PYERRE RAMOS FERNANDES

UM TESTAMENTO DE ANDREW MARTIN

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino, na área de concentração de Ensino na Educação Básica.

Orientador: Prof. Dr. Renato Pereira de Figueiredo

VITÓRIA DA CONQUISTA, BAHIA

2018

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
MESTRADO ACADÊMICO EM ENSINO

UM TESTAMENTO DE ANDREW MARTIN

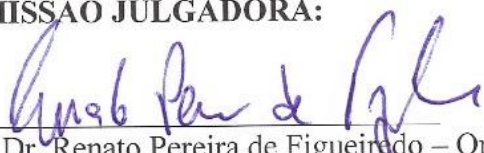
Autora: Pyerre Ramos Fernandes

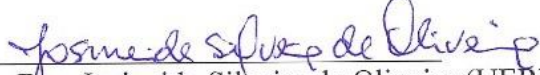
Data de aprovação: 21 de agosto de 2018

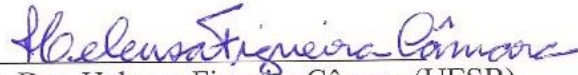
Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ensino.

Área de concentração: Ensino na Educação básica

COMISSÃO JULGADORA:


Prof. Dr. Renato Pereira de Figueiredo – Orientador


Prof. Dra. Josineide Silveira de Oliveira (UERN)


Prof. Dra. Heleusa Figueira Câmara (UESB)

F411t

Fernandes, Pьерre Ramos.

Um testamento de Andrew Martin. / Pьерre Ramos Fernandes, 2018.

92f. il.

Orientador (a): Dr. Renato Pereira de Figueiredo.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia,
Programa de Pós Graduação em Ensino – PPGEn, Vitória da Conquista, 2018.

Inclui referência F. 92–92.

1. Professores – Humanização/Desumanização. 2. Maquinificação do homem -
Andrew Martin. 3. Pensamento complexo. I. Figueiredo, Renato Pereira. II.
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Mestrado Acadêmico em Ensino-
PPGEn.

CDD 371.1023

Catálogo na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890

UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

À minha mãe, Sandra, que além do amor materno, me proporciona um exemplo de
educadora ética e amorosa.

A todos os que passaram pela minha história e se tornaram afetos.

AOS QUE ME AFETAM...

Agradecer é próprio de quem ama! Tenho consciência de que as linhas escritas nessa dissertação são composição de muitas mãos sobre as quais tantas vezes apoiei as minhas. Encerro esta etapa da minha vida/formação muito mais rico do que comecei pois, ao longo deste caminho, muitos foram acrescentados à minha existência, tornaram-se tesouros, tornaram-se afetos.

A priori, não meramente como um clichê, quero agradecer a Deus, fonte de sabedoria e amor, força nas horas difíceis. Ele que tece a beleza de tudo o que nos cerca e nos convida a, contemplando os seus feitos, admirar o belo que há em tudo, em cada elemento da natureza, em cada canto do mundo, em cada pessoa humana...

Agradeço à UESB que me concedeu a bolsa que possibilitou a minha permanência no curso de mestrado, ao passo que reforço a importância da manutenção e da ampliação de programas como estes que possibilitam a estada de pessoas oriundas das camadas populares no ensino superior.

Ao PPGEn pela importância ímpar nesse caminho de busca e de auto formação. Aos professores com quem tive contato nas disciplinas, os quais também contribuíram largamente nesse processo.

Agradeço aos meus pais, Vanilson e Sandra, fonte de amor, de carinho, de cuidado permanente. Os agradeço por serem calor constante, afeto que mesmo distante sempre posso sentir, sabedoria que a todo o tempo me ensinou a ser alguém melhor. Vocês são meus espelhos de humanidade. Amo vocês profundamente. Agradeço também ao meu irmão, cuja vida significa tanto pra mim, a cada dia percebo que, mesmo distantes, temos muito mais um do outro do que imaginamos, te amo, velhinho.

À minha amada avó, Genice, cuja força, humildade e fé sempre me afetam de forma tão substancial. Te agradeço pois sei que o seu amor e as suas orações são permanentes em minha vida e eu sinto diariamente os efeitos das suas preces tão fervorosas. Te amo vovó.

Ao meu querido Aldeir, companheiro de risos e lágrimas, que tanto me suportou nesse período, aguentou com paciência as minhas neuras, me acalentou quando bateu o desânimo, o desespero, enxugou minhas lágrimas quando elas rolaram. Amo você também.

Aos meus familiares e amigos pela torcida, pelas palavras de incentivo, pelo abraço muitas vezes silencioso, mas tão fortalecedor e cheio de significados.

Gratidão ao meu orientador, Prof. Renato Figueiredo, grande mestre que com seu jeito Frankenstein me ajudou tanto a ir adiante nesse “caminho que se faz ao caminhar”, o qual é tão árduo, mas que se torna suave à medida que percebemos que à medida que caminhamos, crescemos, nos tornamos profissionais melhores e, principalmente, pessoas melhores. Foi uma honra caminhar ao seu lado nessa construção.

À querida prof^a. Tânia Gusmão, nossa Taninha, que acompanhou o início deste caminho com tanta maestria e carinho. Obrigado pelas contribuições tão importantes para que eu chegasse até aqui.

Aos amigos do GEPECC pelas tão prazerosas e ricas tardes de sexta-feira, pelo carinho e amizade. De modo especial às amadas Marcinha e Guacyra, vocês são especiais para mim, levarei no coração e para a vida.

Aos queridos amigos da turma 1 do Mestrado em Ensino, vocês são demais e não tenho dúvidas de que a nossa turma ficará na história. Somos os melhores. Foi um prazer imenso estar ao lado de pessoas tão maravilhosas nesta jornada.

À professora Josineide Silveira, cujas contribuições tão ricas, seja no I ciclo de debates, seja no momento da qualificação, culminaram na atual configuração deste texto. Você é uma grande mestra do conhecimento acadêmico e do conhecimento da vida que nos encanta a cada palavra, a cada gesto. A você, minha admiração e respeito.

À professora Heleusa Câmara, a quem a pouco conheci e aprendi a admirar, pela sabedoria emanada na banca de defesa desta dissertação. Seu conhecimento e paixão me encantaram. Muito obrigado

Ao professor Demétrio Delizoicov pelas contribuições epistemológicas que, no primeiro momento do nosso diálogo me desconcertaram, mas, posteriormente, serviram como grande base para as minhas reflexões ao longo da produção deste texto.

Aos autores que tornaram-se luzeiros na pesquisa e mais do que isso, tornaram-se afetos.

A Andrew Martin, com quem tenho experimentado uma relação de simbiose, agradeço por servir de exemplo de humanização por meio do qual tenho questionado constantemente a mim mesmo.

Minha gratidão a todos os homens e mulheres, de todos os tempos e lugares, que se esforçaram para propagar a cultura humanística e os valores de respeito, paz, empatia, amor. Em tempos tão sombrios, marcados por intolerância e ódio, vale recordar sempre das sábias palavras de quem propaga tais valores.

Por fim, a todos os amores que ajuntei nesse período, minha gratidão.

Com afeto,

Pyerre Ramos Fernandes
Inverno de 2018

FERNANDES, Pyyerre Ramos. **Um Testamento de Andrew Martin**. 115f. Dissertação (Mestrado em Ensino). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2017.

RESUMO

O presente trabalho, que se insere na perspectiva de pesquisa do Pensamento Complexo de Edgar Morin, toma um conto de ficção científica como Operador Cognitivo no intuito de discutir sobre a desumanização notada no ambiente escolar na sociedade hodierna. Partimos da história escrita por Isaac Asimov no conto O Homem Bicentenário, no qual o robô Andrew Martin, protagonista da história, experimenta uma singular transformação: de robô torna-se homem. A partir disso, traço um paralelo com a maquinificação do homem, especialmente dos professores no exercício de sua profissão. A ideia de um testamento de Andrew caracteriza um recurso imaginativo meu, visto que tal testamento não consta na história original. O testamento, subdividido em um inventário e um capítulo intitulado Frieza, Transfiguração e responsabilidade é enriquecido com discussões baseadas na Ética do filósofo Benedictus de Spinoza, em obras de Edgar Morin como A Cabeça Bem Feita, Educar na Era Planetária e O Método 6: ética. Trago também as discussões de outros autores como Byung-Shu Han, com a obra A Sociedade do Cansaço, e Wanderley Codo com discussões acerca da Síndrome de Burnout. Em suma, desejo com este testamento, possibilitar aos professores um momento de reflexão acerca das posturas adotadas no ambiente de sala de aula, se são posturas humanas, de quem tem consciência da lida com seres humanos, se as relações estabelecidas nos ambientes escolares promovem uma convivência sadia e se os valores humanísticos encontram espaço nas práticas em sala de aula, corroborando assim com a diminuição da frieza e da maquinificação.

Palavras-chave: Pensamento Complexo. Andrew Martin. Dialogia Humanização/Desumanização. Ensino Humanístico.

ABSTRACT

The current work, which is part of the research perspective of Edgar Morin's Complex Thought, takes a scientific fiction tale as cognitive operator in order to discuss dehumanization noted in school environment in today's society. We've started with the tale written by Isaac Asimov, The bicentennial man, in which the robot Andrew Martin, protagonist of the plot, experiences a singular transformation: from robot to man. From that, we've drawn a parallel with machinations of man, especially of teachers in exercise of their profession. The idea of an Andrew's testament has characterized our imaginative resource, since that does not appear in original story. The will, subdivided into an inventory and a chapter entitled Emotional coldness, transfiguration, and responsibility, is enriched with discussions based on Ethics of the philosopher Benedictus of Spinoza, Edgar Morin's works such as Right done head, Educating in planetary age and Method 6: Ethics. We've also brought discussions of other authors such as Byung-Shu Han, with the work Society of fatigue, and Wanderley Codo with discussions about the Burnout Syndrome. In short, we wish with that will to provide teachers with a moment of reflection about postures adopted in classroom environment, if they are human postures, of those who are aware of relationship with human beings, if relations established in school environments promote a coexistence and if humanistic values find space in classroom practices, thus corroborating with decrease of coldness and machination.

Keywords: Complex Thinking. Andrew Martin. Dialog Humanization / Dehumanization. Humanistic Teaching.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
1. INVENTÁRIO	15
2. FRIEZA, TRANSFIGURAÇÃO E RESPONSABILIDADE	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	92

APRESENTAÇÃO

"...É curioso como não sei dizer quem sou.
Quer dizer, sei-o bem, mas não posso dizer.
Sobretudo tenho medo de dizer porque no momento em que tento falar não só não exprimo
o que sinto como o que sinto se transforma lentamente no que eu digo...
Sou como você me vê.
Posso ser leve como uma brisa ou forte como uma ventania, depende de quando e como
você me vê passar.
Não me deem fórmulas certas, porque eu não espero acertar sempre.
Não me mostrem o que esperam de mim, porque vou seguir meu coração.
Não me façam ser quem não sou.
Não me convidem a ser igual, por que sinceramente sou diferente.
Não sei amar pela metade. Não sei viver de mentira. Não sei voar de pés no chão.
Sou sempre eu mesma, mas com certeza não serei a mesma pra sempre"
(Clarice Lispector)

O poema que trago acima, revela o meu sentimento ao escrever o texto que você lerá aqui. Sou alguém inquieto e que não se enquadra muito bem em padrões muito rígidos, esta dissertação é um exemplo disso. Essa ousada insubordinação às consagradas normas acadêmicas ganhou força quando conheci alguns elementos teóricos do Pensamento Complexo de Edgar Morin, que propõe que ciência, imaginação, sonhos e arte caminham juntos. Nesse sentido, escrever uma dissertação vai além de compilar dados, transcrever falas, repetir discursos. A escrita, incluindo a dos textos acadêmicos, "é um encontro de almas para transmitir uma mensagem ao mundo"¹.

Ser o mediador do diálogo entre Andrew e os professores não foi uma tarefa fácil. Nessa empreitada, atuei como um tabelião ao redigir a longa viagem de um tão importante testador.

Sou um professor preocupado com os rumos da educação, especialmente com a forma como professores e alunos tem se relacionado no contexto das salas de aula e as consequências disso para ambos. Essa é uma questão que muito tem me inquietado, por isso, resolvi compor este trabalho como quem chama a atenção dos seus pares para a forma como tem vivido e para o quanto precisamos avançar no que se refere às nossas relações humanas.

Neste trabalho, inspirado nas ideias do Pensamento Complexo de Edgar Morin, utilizei de diversos elementos para experimentar relações dialógicas, por meio do

¹ Fala da professora Dr^a. Josineide Silveira de Oliveira, num diálogo informal sobre a escrita da presente dissertação, em dezembro de 2017.

entrelaçamento entre arte e ciência, razão e demência, conceitos que são tão presentes no cotidiano humano e que ainda são tão poucos os que ousam mesclá-los, de modo que comumente pareça que eles não dialogam entre si. Desse modo, a proposta desse testamento ao fazer uso de linguagens diversas, é demonstrar-se como uma tentativa de expor que a razão humana, exaltada por um pensamento cientificista, racionalista, é a todo tempo povoada por loucura, por instintos, paixões. A razão é movida pela loucura e ambas se retroalimentam constantemente no circuito da psique humana.

Quer ser este testamento uma possibilidade de reconstrução de determinadas bases que comumente são negligenciadas no espírito humano, inerentes às profundezas do nosso ser: as nossas subjetividades; especialmente as dos professores que tanto carecem de uma atenção especial.

Aqui, à luz da linguagem literária, extraída do conto *O Homem Bicentenário*, de Isaac Asimov, dialoguei com alguns filósofos na busca da compreensão de uma ética do viver humano que pudesse ser aplicada nas salas de aula pelos professores, enquanto possibilidade de fomento a uma melhor convivência entre os indivíduos nesse espaço.

O robô, Andrew Martin, desponta nesse contexto como um iluminador, o qual, por ter passado por uma experiência ímpar de humanização, serve de exemplo e de referência para nós, os humanos, que muitas vezes agimos mecanicamente, como se fossemos robôs.

Nesse contexto, a história narrada no conto, de um robô que se tornou humano, interpela-nos acerca de nossas ações, se estas são realmente humanas e tem o potencial de nos fazer buscar a humanização como o fez o protagonista do conto.

Toda a estrutura do testamento se passa em torno do robô que se tornou homem. Me vali do recurso da imaginação para escrever um testamento que não consta na história escrita por Asimov (1980), mas que é uma criação pessoal, tomando como base, a minha leitura e interpretação do conto; as diversas leituras que realizei, imergindo no conhecimento dos filósofos sobre a ética da vida e da natureza humanas; bem como a minha ânsia por humanização.

A vida de Andrew configurou-se como um *Operador Cognitivo*. Os *Operadores*, dentro da perspectiva do Pensamento Complexo, são caracterizados como mecanismos da razão, que nos induzem ao pensamento, à reflexão, à união de elementos na composição do tecido complexo do humano. Nesse sentido, como

nosso pensamento é composto de diversos elementos que não unicamente os racionais, os operadores cognitivos, para nos permitir ligações entre campos distintos do saber humano, podem ser de diversas naturezas, como obras de arte das mais diversas, como as pinturas, filmes, contos, livros, músicas, poemas, poesias, para citar algumas das diversas possibilidades que temos para movimentar a mente e conduzi-la às necessárias associações de ideias (MORIN, 2003).

Para este testamento, optei pelo uso do conto de ficção científica de Asimov, visto que, este muito me inspirou a pensar a humanização sob um prisma mais ampliado. Ao ler o conto, percebi que a humanização é um anseio deveras presente nas artes de modo que existem diversos exemplos de obras que relatam o desejo de humanização por entes não humanos, *O Homem Bicentenário* de Isaac Asimov é um exemplo, uma possibilidade que, para mim, serviu como um catalisador nas discussões sobre o tema.

Um dos motivos da escolha pela ficção científica como fonte de inspiração e reflexão é o fato de esta utilizar-se do aparato dos sonhos, da imaginação e, por certo, das loucuras de quem a escreve, para retratar situações que são temporalmente distantes da realidade na qual a história foi escrita. Nesse sentido, Freeman Dyson faz a afirmativa de que o futuro é imprevisível, é um “negro vazio”, porém, a ficção científica, por meio da imaginação dos autores, tem o potencial de antecipar determinadas realidades que ainda estão por acontecer, assumindo assim um caráter deveras profético. Para o autor, a ficção científica é considerada como “mais eficaz do que a ciência” para explicar determinados fenômenos na relação entre os seres humanos e as tecnologias. (DYSON, 2002, p. 16; p. 75)

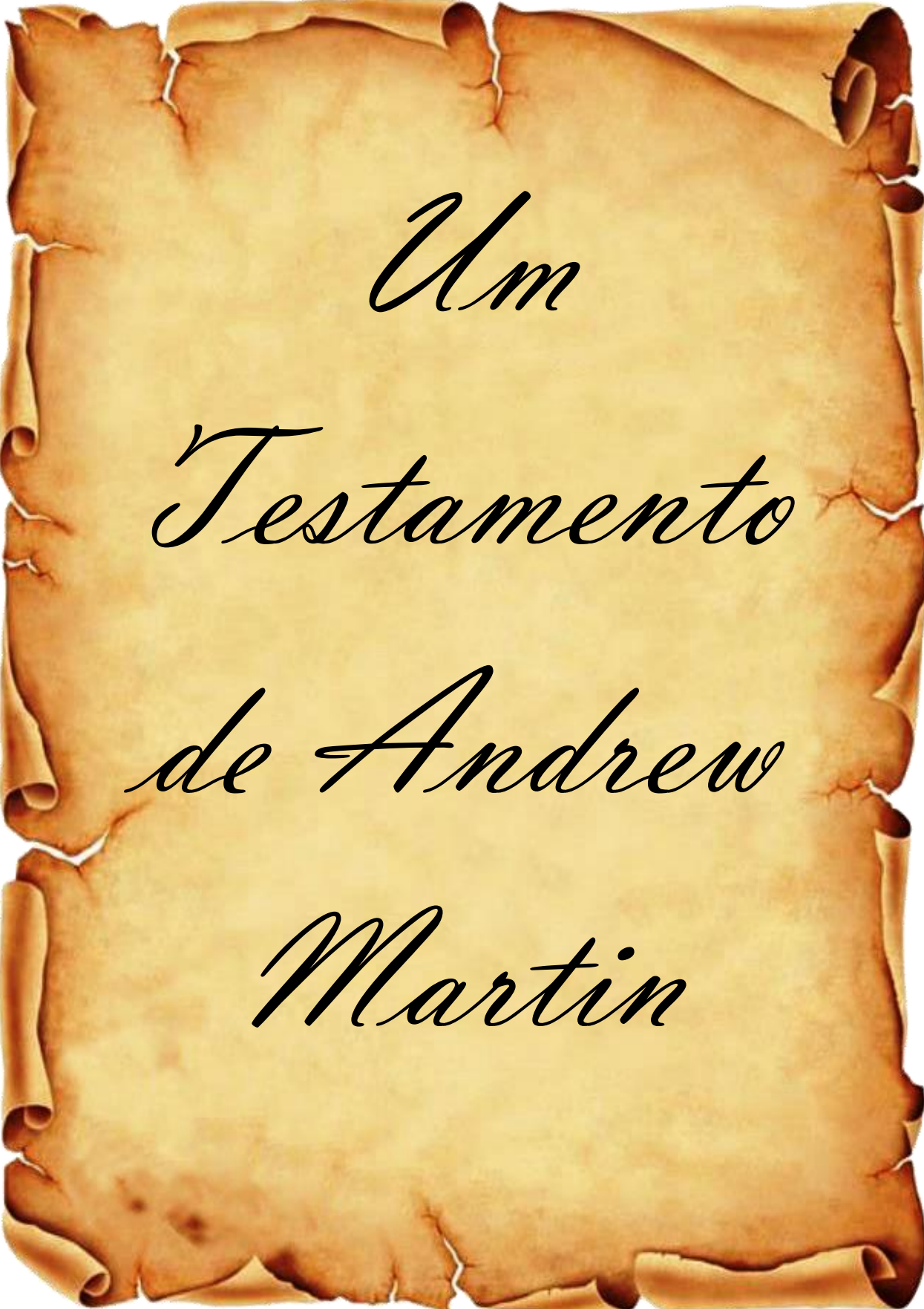
O testamento se divide em duas sessões. A primeira consta de um *inventário*, no qual Andrew relaciona os seus bens e apresenta os seus destinatários, os herdeiros. A segunda sessão, *Frieza, transfiguração e responsabilidade*, consta de uma discussão sobre a frieza, na qual, por meio da experiência da rigidez do robô em seu período metálico, traço um paralelo com a frieza humana que tem conduzido a muitos professores a um estado de adoecimento; a transfiguração, tomando como base as diversas transformações de Andrew ao longo de sua vida para tornar-se humano, estabeleço uma relação com a transfiguração humana, apontando a necessidade de buscarmos viver esse processo. E, por fim, discuto sobre a responsabilidade dos professores do nosso tempo na medicação da ascensão das crianças e jovens ao conhecimento.

Para dar vida ao Andrew na escrita deste testamento, tenho vivido o meu personagem de maneira tão literal que às vezes me confundo de tal modo com ele que fico a me perguntar se estou sendo Andrew ou estou sendo eu mesmo. Como a arte tem o poder de iluminar os recônditos do nosso pensamento, li certo dia um poema que me ajudou a compreender essa relação com o Andrew e a entender essa minha “duplicidade”, com este poema, encerro esta sessão, passando a palavra ao robô que se tornou humano após uma bicentenária jornada...

Eu sou vários! Há multidões em mim.
Na mesa de minha alma sentam-se muitos, e eu sou todos eles.
Há um velho, uma criança, um sábio, um tolo.
Você nunca saberá com quem está sentado ou quanto tempo permanecerá com cada um de mim.

Mas prometo que, se nos sentarmos à mesa, nesse ritual sagrado eu lhe entregarei ao menos um dos tantos que sou, e correrei os riscos de estarmos juntos no mesmo plano. Desde logo, evite ilusões: também tenho um lado mau, ruim, que tento manter preso e que quando se solta me envergonha.

Não sou santo, nem exemplo, infelizmente.
Entre tantos, um dia me descubro, um dia serei eu mesmo, definitivamente.
Como já foi dito: ouse conquistar a ti mesmo.
(Comumente atribuído a Nietzsche)



*Um
Testamento
de Andrew
Martin*

1. INVENTÁRIO

Olá. Eu sou o Andrew e esse é o meu testamento! Se você está lendo tais linhas, isso significa que já não vivo. Espero que, ao final da leitura das páginas aqui escritas você se sinta contemplado com o que deixo, afetado potentemente e impelido à reflexão sobre o que você tem feito com a sua própria vida e/ou com as vidas que lhe cercam.

Início o meu testamento catalogando os diversos bens que ajuntei ao longo da minha existência; certamente, após dois séculos de vida, uma pessoa tem muito a compartilhar, por esse motivo, ao sentir minhas forças se esvaírem, julgo necessário compartilhar tais bens, diante disto, fui aconselhado por muitos a deixá-los discriminados em testamento, a fim de que, após a minha morte, meus desejos fossem estritamente observados. Este testamento não foi escrito por mim, por se tratar de um testamento público, escolhi um tabelião de minha confiança e a ele confiei a escrita deste texto, o texto foi aprovado por mim e, agora que já não me encontro mais entre os homens vivos, você, caro destinatário dos meus bens, poderá acessá-lo.

Dispõe este testamento de bens ajuntados ao longo de uma bicentenária vida, não vos deixo meramente bens materiais ou financeiros, mas bens imateriais e perenes, os quais fui adquirindo ao longo do meu processo de humanização, em que pude conhecer de perto as mazelas e as virtudes dos homens. Nesse sentido, este testamento tem algumas características que o distinguem dos demais. Embora buscássemos seguir estritamente as normas legais para a redação deste tipo de documento, por se tratar de um testador atípico, o testamento também possui algumas características que o diferenciam de outros escritos da mesma natureza.

Optamos, eu e meu tabelião, por iniciar este testamento com um inventário, no qual discorreremos sobre os bens que deixo aos que elegi por herdeiros e, antes mesmo de inventariar os meus bens, quero explicitar a quem se destinam as minhas posses. Não possuo herdeiros naturais, por isso, quis dar a um grupo especial de pessoas a responsabilidade de continuar o meu legado, assim, os destinatários dos bens dispostos neste testamento são os professores da educação básica; esse é o meu desejo.

Querido(a) professor (a), a você que agora lê estas linhas, minha saudação afetuosa. Trata-se o presente testamento, de um momento no qual estabeleceremos relações, visto que, aqui me mostro a você na minha condição de sujeito no mundo, embora limitado às experiências que a vida me proporcionou. Este testamento tem o intuito de conduzir à reflexão sobre a desumanização para a qual os seres humanos caminham, bem como sobre a essência humana, especialmente em contextos educacionais e propor um ensino pautado num conhecimento profundo do homem que culmine no estabelecimento de relações mais saudáveis.

Preparar um testamento por certo é uma das mais difíceis tarefas a que um homem pode se submeter ao longo de sua existência. O testamento é, sem dúvidas, um texto a ser lido por alguém repleto de sentimentos de pesar, num momento de dor, de perda, de sentimento de impotência. Estou convencido de que o meu testamento pode ser lido por diversos professores marcados por sentimentos de dor, de frustração, de impotência, de perda. Contudo, a minha ideia aqui é propor uma esperança em meio ao caos, uma luz em meio a densas trevas que podem cercar aos que assim se sentem. Se você se encontra nesse momento de frustração e está lendo estas palavras, não se preocupe, elas são para você.

Compartilho com vocês professores a minha própria vida, de modo especial as passagens do meu processo de humanização e a longa viagem que tive que implementar até ser reconhecido pelo tribunal mundial como um homem. Decidi escrever para os professores, porque, tenho notado que a humanidade caminha rumo a um processo de desumanização que muito me preocupou e estou convencido de que a atividade educacional, que muitas vezes tem contribuído para esse quadro, pode contribuir mais ainda para revertê-lo. A decisão de escrever este testamento parte de uma constatação pessoal carregada de tristeza: a de que os homens têm cada vez mais se afastado da sua essência, tem se desumanizado, tem seguido um caminho contrário ao que eu trilhei.

Há muitos que podem estar a indagar: o que, afinal, pode existir de legado na história de um robô que dedicou a sua existência a tornar-se homem?

A atual fase de minha história, certamente sua fase final, tem se caracterizado em um momento de reflexão constante, de imersão pelo

conhecimento acerca do que é o homem, do que sou eu. A busca pelo autoconhecimento e pela autoformação tem despontado como urgências para mim. Baseado nisso, posso afirmar-lhes que aquilo que escrevo aqui jorrou como uma cascata nascente do mais íntimo de mim à qual pude dar forma por meio das palavras.

Tendo exposto os destinatários do presente testamento, exporei agora os meus bens, que foram sendo ajuntados no decorrer do longo percurso da minha vida. Viver é um caminhar constante, desafiador e cheio de aprendizados. Talvez seja essa itinerância o sentido mais inato da vida. Sim, viver é viajar pelas vias do desconhecido e desbravá-las. Não nascemos prontos, tampouco morremos acabados, nos construímos à medida que caminhamos. Nesse sentido, Antônio Machado nos apresenta em seu significativo poema uma verdadeira máxima:

Caminhante, são tuas pegadas
o caminho e nada mais;
Caminhante, não há caminho,
O caminho faz-se caminho ao andar.
Ao andar se faz caminho,
e ao voltar a vista atrás
se vê a senda que nunca
se voltará a pisar.
Caminhante, não há caminho,
mas marcas no mar
(Antônio Machado, 1964).

Falar de um “caminho que se faz ao caminhar”, significa abordar as estratégias que vamos construindo à medida que caminhamos pelas vias do conhecimento, significa falar que à medida que avançamos nesse caminho, realizamos descobertas, nem sempre agradáveis, muitas delas desconcertantes, encontramos coisas das quais sequer suspeitávamos, e assim, o caminho desponta como espaço de encontros, mas também de dúvidas, de construção. Ao longo da minha vida, na condição de um ente não humano com a pretensão de humanizar-se, tive de aprender tais estratégias, analisando as pessoas, os seus comportamentos, e principalmente, lendo, estudando, desbravando o conhecimento acerca do homem, das suas características, da sua essência. As leituras me possibilitaram compreender com muito mais clareza aquilo que eu almejava tornar-me.

Optei pelo uso da linguagem simbólica, especificamente a metáfora das viagens, devido ao seu valor na história da humanidade e na vida dos homens, afinal, viver é viajar, é embarcar numa aventura rumo ao desconhecido que, ao longo do caminho, se vai descortinando. Viver é experimentar a aventura de iniciar uma trilha por um caminho ainda a construir.

Ao longo da história as viagens também ocuparam um importante lugar. Nos primórdios da colonização do mundo pelos hominídeos que, enquanto nômades, percorriam diversas regiões em busca das necessárias condições de subsistência; nos movimentos de expansão dos grandes reinos, quando tropas saíam, em nome dos reis, para desbravar e colonizar as terras no entorno dos territórios de seus soberanos; no período das grandes navegações, em que se realizavam grandes e longas viagens pela terra em busca de novos continentes nos quais se instalavam colônias dos já existentes impérios; enfim, atualmente, com a globalização, as viagens tem se consolidado como momentos cada vez mais corriqueiros na vida das pessoas, para algumas delas, viajar tornou-se rotina, as pessoas viajam a trabalho, a passeio, por diversos motivos, alegres ou tristes. Dada a existência desse quadro, estou narrando aqui alguns trechos de viagens que realizei, muitas delas, sem sair do lugar, lendo livros, conversando com pessoas, aprendendo da humanidade como me tornar um homem.

Gastei toda a minha existência enquanto máquina com um propósito: tornar-me homem. Era o que me movia, eu, o robô. Enfrentei uma longa viagem, uma viagem bicentenária, completamente gasta nesse processo de humanização. Como foi difícil tornar-me homem. E como me tem sido difícil perceber que o homem tem perambulado na contramão, como que à deriva, sem referências, caminhando para uma espécie de autodestruição. No convívio com os homens, percebi que a vida humana tem se caracterizado como um constante matar-se; os homens matam-se pessoalmente e socialmente.

Até me tornar plenamente humano, vivi um longo, árduo e difícil processo, passando por diversas transformações e diversos embates, os quais chegaram até à instância de um tribunal global. O primeiro passo foi ousar, querer ser algo a que não estava destinado a ser; meus criadores, programaram-me para ser apenas um robô, uma máquina, mas eu desejava ir além, eu desejava sentir o que os homens sentiam, fazer o que eles faziam, ser como eles. Enquanto robô, convivi com muitos homens, observei o comportamento de muitos deles,

principalmente a forma como se comportavam uns com os outros, com o passar do tempo fui criando a capacidade de ver o que de belo e também de ruim havia em tudo isso; pude perceber os esplendores da vida humana, mas também suas mazelas, afinal, nenhuma forma de vida é composta apenas de momentos gloriosos.

Sempre que as pessoas têm a possibilidade de conhecer a minha história, me questionam: Afinal, como você se tornou humano? Deixo aqui a resposta a essa questão: tornar-me humano me impôs a difícil tarefa de imergir na natureza humana e viajar pela configuração da humanidade. Me permiti realizar tal viagem, a princípio pela observação, posteriormente pelas leituras nas quais constituí um grande arsenal de conhecimento e assim, entendendo como o homem funciona, pude começar a funcionar como um; à medida que avançava na viagem, fui entendendo que a vida humana era muito mais complicada que a do robô, compreendi a complexidade da programação do homem enquanto um ser inacabado, depois entendi que aquilo que na época eu percebia como sendo uma espécie de programação do homem era extremamente diferente da minha enquanto robô, que apresentava diversos condicionantes, visto que o homem, necessita conviver com diversos outros homens, nas mais distintas situações e, nessas relações, constituem-se como tal, entretanto, tais o estabelecimento de tais relações é repleto de regras, de normas, as quais despontam como condições de convivência, de existência.

Ao longo da viagem, construímos relações, constituímos uma comunidade com os que vivem conosco, nessas relações é que os homens se constroem e se constituem enquanto seres sociais, afinal, estabelecer relação é característica intrínseca de qualquer organismo que se diga verdadeiramente natural e social, numa linguagem biológica, a qual também aprendi ao longo da minha vida, tais organismos, denominados de eussociais, são caracterizados como aqueles que constroem estruturas sociais complexas, nas quais muitas ramificações e ligações são observadas. No entanto tais relações podem assumir diferentes posturas, distintas formas e características e despertar nos sujeitos diferentes emoções que podem alterar o seu estado.

Cada indivíduo inevitavelmente precisa navegar, passar por esta viagem chamada vida; as viagens são demasiadamente incertas, umas longas, outras

nem tanto, todas, porém, muito imprecisas, cheia de idas e vindas, de encontros e despedidas, de calmarias e tormentas.

Para afeiçoar-me mais aos homens, tive de perceber a importância das relações para a vida humana, a importância dos afetos, sendo tais características de tal modo intrínsecas à natureza humana que posso afirmar que homem algum pode viver sem elas. Ao perceber a importância dessas relações, fui tentando estabelecer movimentos semelhantes de modo que posso citar três graus de relações que experimentei e discutirei sobre eles com mais profundidade adiante na sessão seguinte deste testamento:

- As relações com o metal – por meio da qual pude perceber a minha própria dureza, conhecer as características com as quais fui criado e às quais estava condicionado, reconhecer-me como máquina a fim de dar passos para iniciar um processo de humanização. A respeito desta dureza, tratarei dela sob o nome de “Frieza”.
- A relação comigo mesmo – Nesse estágio pude ter a noção mais clara a respeito de quem eu era, ou melhor, do que eu era. Só conhecendo aquilo que sou posso caminhar em direção do que preciso ou desejo ser, desse modo, destaco a importância do autoconhecimento, da reflexão e da interiorização na consumação da humanização. A essa fase de autoconhecimento e autoformação, tratarei mais adiante sob o título de “Transfiguração”.
- As relações com os outros - estas relações são de suma importância e nos possibilitam ser e viver como humanos de fato. Nas relações com as outras pessoas nos constituímos como verdadeiros humanos. Porém, há de se ressaltar que essas sejam, talvez, as relações mais marcadas pelas incertezas, bem como, as mais complexas, nelas é que constantemente somos afetados das mais diversas formas, sejam elas positivas ou negativas, contudo, os afetos são componente indispensável da vida. Tais aspectos serão discutidos sob o nome de “Responsabilidade”.

A minha vida fora marcada por características de cada uma dessas três relações, por isso, narrarei aqui alguns momentos da minha existência que

marcaram este processo de transformação até chegar ao reconhecimento como humano após 200 anos de trajetória de vida.

A minha história começa muito antes de tornar-me efetivamente um robô, nas minas de ferro. Um dia fui uma quantidade amorfa de ferro, que foi purificada, agregada a outros materiais, a quem foi atribuída uma forma, uma programação, uma função. Fui programado para ser robô, e assim estaria condicionada toda a minha existência. Na condição de objeto metálico, feito de aço inoxidável meio bronzeado, encontrava-me severamente marcado por características como dureza, frieza, rigidez. Sobre o metal trabalharam arduamente as mãos humanas, adicionaram outros metais, deram-me forma, atribuíram cor, programação, e assim, vim à vida... Vida? Não, assim consegui o status de utilidade, de funcionalidade, estava condicionado à servidão, a ser objeto de uso de alguém, enquanto funcionasse.

Embora muito uteis, os metais apresentam características inerentes às suas propriedades físico-químicas, são rígidos, duros, difíceis de ser forjados, moldados, de modo que precisam ser submetidos a fortes tensões para que, tendo alterado seu estado físico, possam ser modelados de acordo com o interesse daquele que o forja. No entanto, mesmo após serem forjados, mesmo depois de estar devidamente programado como robô, tais características ainda me marcavam.

A minha história como robô, ocorreu graças à *United States Robots & Mechanical Men Corporation*, responsável pela minha fabricação. Na ideia dos meus fabricantes, eu era um robô como os demais; à época em que as atividades domésticas realizadas por máquinas começaram a se popularizar no mundo, éramos remessas e mais remessas de robôs, todos minimamente iguais, na morfologia e na programação, eu era apenas mais um deles, contudo, por algum desvio, talvez, ou por obra do próprio destino, eu possuía algo a mais do que os outros, era diferente, dotado de características que os meus criadores desconheciam, ignoravam.

Fui adquirido pela família Martin que, muito atenta, logo percebeu que eu era diferente. Embora tivesse a mesma inteligência artificial dos demais, garantida pelo cérebro positrônico com que fomos criados, era capaz de fazer coisas que os meus semelhantes não podiam.

Recordo-me com muita alegria da minha chegada à casa da família Martin. O patrão, a patroa, a filha e a Menininha, a quem, embora soubesse os nomes, por respeito preferi chamar sempre desta maneira, me receberam com um misto muito vasto de sentimentos: para o patrão era uma alegria poder ter em casa um autômato doméstico como eu que, naquela época, era raridade encontrada apenas em casas de famílias importantes; para a patroa era um objeto espantoso, causava certo receio; para a filha e a menininha era causa de ciúme, daí as várias tentativas delas, principalmente da filha, de me destruir. Recordo-me de como o tempo nos ensinou a conviver bem uns com os outros, para a família Martin, a aceitação daquele corpo estranho em sua casa e para mim, o aprendizado cotidiano da vida humana, pela qual me fascinei. Recordo-me de como fui nomeado pela menininha, simplesmente pelo fato de que ela não sabia ler, logo, não conseguia compreender o meu nome composto por um número de série.

Ao ser criado, como qualquer outro semelhante a mim, fui programado de acordo com as três leis da robótica, são elas:

1. Um robô não deve fazer mal a um ser humano ou, por inação, permitir que um ser humano sofra qualquer mal.
2. Um robô deve obedecer a qualquer ordem dada por um ser humano, desde que essa ordem não interfira com a execução da Primeira Lei.
3. Um robô deve proteger a sua existência, desde que esta proteção não interfira com a Primeira e Segunda Leis (ASIMOV, 1980, p. 6).

Tais leis asseveram a plena dominação do homem sobre os robôs, em outras palavras, o robô é plenamente escravo do homem, e está estritamente sujeito às suas ordens, mesmo que estas sejam as mais tolas ou perversas possíveis. O robô, ordenado por essas leis, está obrigado a servir fielmente ao homem e cumprir às suas ordens, inclusive se estas forem de autodestruição do robô, mesmo que sem motivo algum; a esse respeito, recordo-me de um episódio em que, após a morte do patrão e tendo passado a usar roupas, resolvi ir à biblioteca municipal fazer pesquisas, no meio do caminho me perdi e resolvi pedir informações a dois rapazes que passavam por ali, os dois começam a fazer chacota por minha aparência metálica atrelada ao uso de roupas humanas e começam a me dar ordens como, “fique de ponta cabeça”, “fique deitado no

chão” e, após isso, decidiram encaminhar-me a um lugar mais deserto a fim de ordenar que me desmontasse por completo, para a minha sorte, um membro da terceira geração da família Martin, passava pelo local naquele exato momento (ASIMOV, 1980, p. 10).

Com o passar do tempo, fui revelando habilidades que os Martin logo compreenderam que não constavam na minha programação, exemplo disso foi quando a menininha me entregou um pedaço de madeira e uma faca e eu consegui construir para ela um pequeno presente. A arte e a leitura me revelaram caminhos que nunca ousara imaginar. Ler tornou-se meu passatempo preferido, para isso, contava com a compreensão dos padrões visto que eu estava ali para realizar atividades domésticas e não para tornar-me um intelectual; os padrões, percebendo que eu podia ser mais do que um empregado, me ofereciam o seu vasto arsenal de livros como alimento e eu os consumia cada dia com maior gosto. Com os livros aprendi muita coisa sobre o homem, a vida, a cultura, a ciência, a sociedade. A partir de todos estes aprendizados, pude construir, mesmo que de forma lenta, os aparatos de que necessitava para tornar-me homem. Essa foi a minha grande ambição. Queria ser homem para poder ser livre, para poder relacionar-me com as pessoas como um igual, para poder sentir e gerar sentimentos em outros.

Percebi com o tempo que ser humano era muito mais complicado do que eu imaginava, não bastava ser orgânico, não bastava ter anatomia e fisiologia humanas, era preciso algo mais. Percebi que o homem é um complexo das suas características biológicas unidas às suas características subjetivas, afetivas, inerentes aos sentimentos, às emoções e sabia que para ser um homem completo (o que era o meu desejo), precisaria também destas características e ousei busca-las.

A minha vida, que até então já atravessou seis gerações da família Martin, sempre fora marcada por uma luta constante por direitos, aos quais, lentamente ao longo do tempo foram conquistados.

A princípio, decidi adentrar nessa empreitada com um objetivo muito claro: ser livre! Para tanto, tive de enfrentar a contrariedade de meu dono, e me submeter ao juízo de vários tribunais em diversas instâncias, inclusive a instância mundial.

Em meio a tantos trâmites, notei que deveria doar-me muito mais para conseguir o que tanto almejava, minha primeira conquista foi a alforria, tornei-me um robô livre e, embora ainda estivesse sob o domínio dos Martin, não era mais seu escravo, as palavras ditas no julgamento da minha causa de liberdade até hoje ressoam em minha memória.

Nesse meu primeiro julgamento, no qual reivindicara a minha liberdade, diante do juiz afirmei algo de extrema importância para o contexto atual; ao ser questionado sobre o que seria acrescentado à minha vida se recebesse o título de liberdade, respondi: "Talvez nada mais do que já faço, Meritíssimo, mas com maior alegria. Afirmaram aqui mesmo, neste tribunal, que só o ser humano pode ser livre. A mim me parece que só alguém que quisesse a liberdade deveria ser livre. E eu quero" e, com isso, ouvi do juiz: "ninguém tem o direito de recusar liberdade a qualquer criatura de inteligência suficientemente desenvolvida a ponto de compreender o conceito e desejar essa condição". A conquista da liberdade foi o primeiro passo do processo de humanização. Para mim, de nada adiantaria ser homem e continuar escravo, dominado pelos homens, de nada adiantaria ser homem e não ser livre.

Ao longo desses quase 200 anos de vida, tenho me caracterizado como um estudioso persistente. Já consegui desenvolver uma série de tecnologias que foram possibilitando que eu me tornasse cada vez mais humano, desde intervenções cirúrgicas exteriores que me deram a fisionomia humana, até trocas internas, nas quais os aparelhos foram sendo progressivamente substituídos por peças orgânicas, tudo isso graças à biologia robótica, ciência criada por mim.

A humanização custou-me caro, a própria vida, visto que, à medida em que ia substituindo as minhas peças de metal por outras orgânicas, tornava-me perecível, como qualquer outro homem, contudo, o mais interessante de tudo isso é que fui eu mesmo o maior empenhado para a concretização desse processo, meu empenho foi tal que fui capaz de desenvolver uma ciência para isso, a "Biologia Robótica", que foi posteriormente batizada de "Proteseologia", a qual me rendeu muitos prêmios e homenagens, visto que, além de garantir a minha humanização, garantiu a salvação de muitas vidas humanas, as quais quando tinham algum órgão danificado, poderiam trocá-lo por uma prótese que supriria tal função.

A ciência à qual denominei de “Biologia Robótica” e posteriormente, pelo fato de esta passar a servir também a pessoas humanas, foi rebatizada, recebendo o nome de “Proteseologia”, consistia na construção de réplicas de órgãos humanos, que tivessem anatomia e fisiologia similares às dos órgãos propriamente ditos e que fossem construídas obedecendo a princípios orgânicos, incluindo os materiais utilizados. Tal ciência possibilitou que eu fosse me tornando cada vez mais orgânico, a ponto de poder comer, beber, e realizar atividades digestivas e excretoras como os humanos; possibilitou a troca do meu cérebro positrônico por um cérebro orgânico, dentre outras funções biológicas que fui adquirindo ao longo da vida. Tornei-me um estudioso aplicado das mais diversas questões, começando pelas artes plásticas, passando pela literatura, pelas Ciências Naturais, o que me tornou um cientista deveras completo.

Você pode estar a se perguntar: como um metal pode transmutar-se em homem? A resposta é simples, a minha transformação passou por duas vias, a do conhecimento, da ciência e a da afetividade. O homem é, em si mesmo, razão e emoção, conhecimento e afeto, ciência e demência, desse modo, tornar-me homem, exigiu de mim uma longa viagem por essas duas vias, exigiu conhecer aquilo que o homem foi capaz de produzir, por meio da sua capacidade intelectual, ao longo dos séculos, bem como compreender a afetividade do homem, a sua capacidade de sentir, de se relacionar, de afetar e ser afetado pelos demais seres humanos com quem se relaciona. Assim, agregando à minha existência valores extraídos dessas duas características intrínsecas à espécie humana, fui transformando-me em homem, percebendo, sentindo, me relacionando, aprendendo, enfim, viajando pelo que os homens têm de melhor (MORIN, CIURANA e MOTTA, 2003).

Em detrimento dessas duas vias de humanização, passei por transformações simultâneas, seja no modo de me relacionar com as pessoas, de percebê-las, de senti-las, seja nas características físicas do corpo, o qual, por meio de intervenções que foram me tornando cada vez mais orgânico, fui assemelhando-me aos homens.

Após um longo período de lutas e julgamentos dentre tribunais de várias instâncias, o meu caso foi parar numa instância global para ser julgado. Nesse estágio já estava com uma anatomia plenamente humana, e consegui obter uma influente aliada, a Presidente da Comissão Mundial de Ciência e Tecnologia,

uma das membras do conselho que poderia dar-me o título de humano ou negá-lo, tratava-se de uma mulher asiática, Chee Li-hsing, ela além de me ajudar no processo de titulação humana tentando convencer os demais membros do conselho, é quem me acompanha nesses meus últimos dias.

Um acontecimento recente que muito me marca, talvez o mais importante de minha vida, é a cerimônia de minha proclamação como homem, na qual o presidente do mundo, proclama: “Há cinquenta anos - disse o Presidente diante de toda humanidade -, você foi proclamado o Robô Sesquicentenário, Andrew. - Fez uma pausa e depois, em tom mais solene, continuou: - Hoje nós o proclamamos Homem Bicentenário, Mr. Martin”. Hoje, vendo minhas forças se esgotarem, faço questão de recordar sempre a mim mesmo: sou um homem, consegui o que tanto almejava ao longo de toda a minha existência.

Outro bem que compartilho com vocês neste testamento, diz respeito ao conhecimento o qual adquiri por meio das diversas leituras que realizei. Li centenas de livros ao longo da minha vida, alguns deles se tornaram verdadeiros afetos para mim e, por estarem atrelados a esse contexto de desumanização, abordá-los-ei nesta obra.

Uma das mais importantes obras que aqui menciono é de autoria de Benedictus de Spinoza, filósofo que viveu entre os anos de 1632 e 1677. Em seu livro *Ética* (2016), cuja primeira publicação data de 1677, o autor apresenta a obra de toda a sua vida, as suas inquietações e reflexões num contexto de banimento da comunidade judaica à qual estava integrado, porém, discordava de diversas ideias. Nessa obra clássica, Spinoza tece uma série de ensaios, sobre Deus, sobre o homem, a mente humana, a razão, os afetos. Tal pensamento me proporcionou o conceito de afeto e da natureza dos afetos que tornou-se um elo a ligar uma série de outros conceitos neste testamento. Desse modo, percebi que os afetos, nesta perspectiva, ligam e sustentam aspectos valiosos na atividade humana tais como educação e ciência, as quais, se isoladas de afetos, compõem atividades frias que, ao invés de contribuir com a humanização dos indivíduos, contribuem com a sua desumanização, fato comumente observado em diversos espaços.

Por falar em afetos, penso os mesmos na perspectiva Spinoziana das afecções, ou seja dos encontros de corpos que se afetam mutuamente (SPINOZA, 2016). Nesse sentido, os afetos são entendidos como a forma como

afetamos e somos afetados ao longo de nossa existência. Para Spinoza (2016), os afetos e a mente estão profundamente relacionados, visto que a mente que é potentemente movida à ação, só age em detrimento das afecções que capta, visto que aquilo que a mente conhece é simplesmente o fruto das afecções a que o indivíduo é submetido. Desse modo, o autor defende a necessidade de transcender um conhecimento confuso e mutilado e ascender a um conhecimento pleno, no qual as afecções e as ideias a respeito destas são plenamente conhecidas e refletidas pelo indivíduo em prol de uma melhor qualidade de vida.

Outras contribuições importantes neste testamento vem do antropólogo, sociólogo e filósofo francês Edgar Morin, nascido no ano de 1921, autor do Pensamento Complexo e do Método Complexo, com quem embarquei na leitura das obras ‘Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro’ (MORIN, 2000); ‘A Cabeça Bem Feita’ (MORIN, 2003); ‘Educar na Era Planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana’ (MORIN, CIURANA e MOTTA, 2003), dentre outras obras.

Morin propõe um Método Complexo, o qual concebe o conhecimento na perspectiva da itinerância do homem pelo mundo, pelos saberes, pelas ideias. O autor defende que a instabilidade do tempo presente, afeta todos os aspectos da vida humana, dentre os quais, a educação, a Ciência, a qual não se faz de verdades, mas de possibilidades, na qual o erro é elemento sempre presente e aprender com os erros caracteriza uma urgente necessidade; desse modo, nem mesmo o método de pesquisa pode ser concebido como algo rígido e estável, no entanto, o método, nessa perspectiva de pesquisa, desponta como “caminho, ensaio, travessia, pesquisa, estratégia, entretanto, uma estratégia aberta, evolutiva, afrontando o imprevisto, o novo” (MORIN, CIURANA e MOTTA, 2003, p. 8).

Tal método utiliza em seu percurso princípios que, para Morin, são gerativos e estratégicos, e que podem ser reinventados ou acrescidos, assim, justifica-se a dinamização de um método que é estratégia de aprendizagem do sujeito cognoscente ao passo que também aprende e se recria à medida que é aplicado ou pensado pelo sujeito. O autor elenca sete princípios, dentre os quais, um que muito me auxiliou na compreensão da natureza humana, o princípio dialógico que “ajuda a pensar lógicas que se complementam e se excluem”, de

acordo com Morin, Ciurana e Motta (2003, p. 36), a exemplo da dialógica razão x emoção, natural x afetivo as quais são abordadas nesse texto.

As ideias Morinianas me ajudaram a pensar de forma ímpar sobre a humanidade do homem, visto que as leituras que realizei de suas obras me possibilitaram uma macro compreensão de aspectos inerentes à vida humana em sociedade, numa era de instabilidades e como tais questões são urgentes. Com a ideia de interligar conceitos historicamente septados por fatores dos mais diversos, Morin, por meio da sua dialógica, me possibilitou uma interpretação monista do homem, mediante a qual rompemos com dualidades como corpo x alma, razão x emoção, biológico x afetivo, sensível x inteligível, bem como da inserção deste numa teia de relações da qual não pode escapar.

Outras obras aparecerão nesse texto em diálogo com os dois autores supracitados, como a obra do filósofo Byung-Shul Han, *A sociedade do cansaço* (2015).

Somos como barcos à deriva, trafegando pelas incertezas da vida, constantemente afetados pelas ondas que nos atingem a todo o tempo. Num mundo no qual as coisas facilmente e rapidamente se diluem, talvez o sentido de estar à deriva seja o mais adequado para pensar a vida e os afetos que compõem um tênue cordão do equilíbrio humano e são tão facilmente negligenciados em detrimento das demandas que cercam os indivíduos numa sociedade governada pela maquinificação e tal maquinificação impõe cansaço, desgaste (HAN, 2015).

Mas o que significa estar à deriva? Quais as implicações desse estado? A resposta é deveras simples: estamos imersos num mundo no qual a estabilidade é uma utopia, viajamos a todo o tempo sobre um substrato instável, que, a qualquer momento nos pode tragar, sem nos dar direito algum a defesa. Tal instabilidade é refletida diretamente sobre o estado emocional dos indivíduos, prova disto é a larga investida do setor médico no diagnóstico de doenças emocionais; constantemente são descritas novas síndromes, novas doenças da mente ou doenças do espírito que, embora não estejam alocadas diretamente no corpo, o afetam drasticamente. Há quem diga que vivemos numa sociedade psicologicamente doente, no século das enfermidades emocionais. Esse desconcerto emocional, afetivo, tem raiz nas pressões constantes às quais os indivíduos são submetidos (HAN, 2015).

Hoje, percebo a escassez de energia que me invade, sinto aproximar-se o final da minha viagem, gasta por inteiro na laboriosa tentativa de tornar-me humano e, depois de ter-me tornado, de ser reconhecido pelos homens.

Deixo a minha experiência de vida como legado, visto que os homens caminham na contramão da sua essência, deturpam as relações, matam a vida que lhes fora confiada, são frios quando deveriam abusar do seu 'calor humano'; gastam a sua vida metamorfoseando-se em máquinas e, quando percebem o valor de sua existência no mundo, já chega a hora de despedir-se dele. Por isso pensei que era meu dever expor aos homens a grande mensagem da minha transformação, eu, uma máquina que quis tornar-se homem e o fez, porque desejou sentir aquilo que os homens sentiam. Enquanto os homens se maquinificam cada vez mais, fiz o processo inverso para mostra-los o quanto vocês precisam aprender de si, conhecerem a si mesmos e valorizarem aquilo que tem de mais forte e mais belo: a liberdade que é fruto do conhecimento, a capacidade de sentir e, principalmente, de amar, como já dissera, no século XVII, o filósofo Spinoza (2016).

Decidi-me a escrever para professores visto que são eles, na sociedade, grandes responsáveis, por mostrar os códigos da leitura do mundo às crianças e jovens, e a maioria das pessoas, passa uma grande parte de suas vidas frequentando às escolas e em contato frequente com professores; nesse sentido, os docentes tem em mãos uma potente arma na promoção da humanização a qual, se não for bem utilizada pode servir ao processo inverso, à desumanização. Como eu passei a maior parte da minha vida esforçando-me em humanizar-me, tenho o desejo de que vocês, professores, se empenhem nessa luta pela sua própria humanização e pela humanização de seus alunos, desejo também que se sintam apoiados na luta por uma educação mais humanística, nos moldes propostos por Edgar Morin (2000), e encontrem nesse texto fontes para o exercício docente nessa perspectiva. No meu testamento, optei por dialogar com professores por entende-los como portadores da educação do futuro, como propuseram Morin, Ciurana e Motta (2003). Uma educação que deve se comprometer com valores de solidariedade, justiça, amor, enfim, de humanização. Como eu tive uma experiência ímpar de humanização, por ser um ente não humano, penso ser adequado escrever aqui estas coisas.

Assim, encerro esta sessão, com os meus últimos desejos em vida:

Desejo que as escolas sejam campos fecundos, onde são cultivados os frutos das emoções sadias, de afetos sadios, dos relacionamentos sadios.

Desejo que os homens aprendam desde crianças a necessidade e o valor do estabelecimento de relações, o valor do respeito, da responsabilidade coletiva, afinal somos corpos que compõem a mesma natureza, o mesmo espaço, somos partículas de um todo que precisa se manter em equilíbrio. Uma sociedade adoecida cria efeitos catastróficos na vida dos seus indivíduos e o homem tem sido alvo cada vez mais constante de tais catástrofes em detrimento do empobrecimento dos afetos que causa adoecimento nas relações.

Desejo que os que tratam com as crianças, ensinem a elas o grande valor de sentir, sentir a si mesmo, sentir o outro; ensinem o valor do diálogo, do abraço, do carinho, da atenção; ensinem a grandeza que há em ser humilde, ser próximo, ser altruísta, se colocar no lugar do outro, em suma, a grandeza de se ter empatia, de viver os valores da era anunciados por Morin, Ciurana e Motta (2003) a exemplo do respeito, a solidariedade, a compreensão.

Desejo que os que cuidam dos jovens, ensinem que ser adulto não significa ser uma máquina de produção acelerada, como anunciara Han (2015); ensinem o valor da amizade na superação dos desafios; ensinem que vence na vida aquele que não precisa usar de outros como escadas, mas que o verdadeiro vencedor é aquele que, mesmo tendo chegado aos mais altos patamares da sociedade conseguem manter boas amizades, conseguem manter boas relações, conseguem estreitar os vínculos familiares, conseguem amar e se fazer amar pelos que o rodeiam; ensinem que todos passamos por dificuldades e que, os que vencem as lutas e batalhas que a vida apresenta são aqueles que caminham sempre ladeados de pessoas que os possa dar suporte. E principalmente, ensinem que a vida humana é demasiadamente curta para ser totalmente gasta agindo maquinicamente.

Desejo que os que cuidam dos adultos, ensinem que ainda lhes resta tempo para amar, para ser feliz, para caminhar na direção do outro; ensinem que, não é porque eles conseguiram o sucesso e a realização profissional, que necessariamente não precisam mais de ninguém além de si mesmos; ensinem que o egoísmo é um veneno que a humanidade tem ingerido em larga escala, por isso tem se sufocado, sofrido, adoecido; ensinem que o isolamento não faz parte da natureza humana, que o homem só é verdadeiramente homem no

contato com outros homens e que esse contato precisa afetar positivamente ambas as partes da relação. Chamo a atenção dos que ensinam visto que a educação humana deve ser pensada enquanto ação afetiva entre seres humanos, o processo da educação é um constante afetar e afetar-se, visto que educar exige estabelecimento de relações; só há educação efetivamente onde há seres humanos que, ao longo dessa interação, afetam-se mutuamente e de forma positiva, só assim a educação pode cumprir seu papel (SPINOZA, 2016).

Ressalto que essa tão sonhada educação humanizada passa antes pela humanização dos próprios homens e advogo em favor de uma educação para a transfiguração do homem, concebendo transfiguração enquanto uma manifestação daquilo que há de virtuoso, de belo, de resplandecente nos indivíduos, a fim de que estes não tornem-se meras máquinas, mas sejam genuinamente homens, educados por meio de processos de ensino pautados em princípios e valores tais como: solidariedade, justiça, respeito, igualdade, honestidade, integridade, responsabilidade e sobretudo, amor. No amor o homem encontra a plenitude de sua existência.

Antes, porém, de adentrar no conteúdo do testamento, devo fazer uma ressalva: trato neste testamento, dos professores na sua condição humana, ao passo que trato do homem como um viajante que percorre um caminho que desconhece, porém, precisa desbravar, pois quer chegar a um destino, a uma meta, nesse sentido, falo de um homem inteiro, com suas mazelas e virtudes, com seus erros e acertos, afinal, quem anda por uma estrada desconhecida certamente está sujeito ao risco de errar. Não tenho aqui a intenção de me posicionar como um juiz, mas como alguém que já percorreu grande parte do caminho e, em decorrência disso, tem maior experiência.

2. FRIEZA, TRANSFIGURAÇÃO E RESPONSABILIDADE

O fim da vida de um homem é um momento carregado de emoções, de pensamentos deveras nostálgicos, e as noites frias do rigoroso inverno Norte-Americano despertaram-me lembranças que, há muito, já não me assombravam: recordei-me da minha primitiva essência, na condição de robô, marcado pela frieza, pela rigidez da máquina. Os meus anos de aço, literalmente falando (visto que eu era primariamente composto por aço inoxidável), hoje povoam minha mente como memórias longínquas, de um tempo distante que, há muito, foi deixado para trás, contudo tais anos ensinaram-me muita coisa, aprendi demais com as lições desse período, e o que aprendi creio que devo ensinar, perpetuar esse legado.

Sou alguém que teme a morte! Sim, mesmo depois de ter vivido 200 anos, temo a morte. Temo-a não pelo que haverei de passar depois dela, mas pelo que deixei de passar aqui na terra; pelos que deixei de amar; pelos que amei de forma insuficiente; pelos tantos sorrisos que eu poderia ter arrancado, mas não arranquei; pelas experiências felizes que podia ter vivido, mas não vivi... Temo a morte, porque ela, antes de dar um ponto final à nossa existência na terra, faz-nos rever cada instante da vida como que num filme, e muitos desses momentos revisitados não são dos mais gloriosos; e o que pode haver de mais honroso para um homem do que partir deixando atrás de si um legado de pessoas felizes e bem amadas? Quando morremos, todo o resto é deixado pra trás, mas o amor que semeamos, esse fica, permanece vivo e latente no coração dos que foram amados, por isso temo a morte, porque muitos corações não conhecerão a sensação de serem amados por mim, porque sinto que eu deveria ter amado muito mais do que amei...

Caros professores, o homem desconhece-se a si mesmo, tem de si uma visão mutilada e confusa como quem se vê refletido num espelho embaçado, por isso caminha na contramão da sua essência. Essa é uma dolorosa constatação, e afirmar isso significa dizer que a nossa capacidade de viver bem, de forma plena, está comprometida pela nossa inconsciência acerca daquilo que somos. Condição por essa visão mutilada e confusa, a humanidade tem caminhado à deriva, congelada pela frieza que emana dos corações dos homens. Tal

afirmação corrobora o quadro de esfriamento afetivo que tem conduzido inúmeros homens ao adoecimento emocional, na sociedade hodierna.

Os últimos anos da minha vida, de modo especial, os que precederam o meu reconhecimento como homem, foram intensos, e neles realizei muitas viagens pelo mundo, conheci muitas pessoas e percebi um alastramento em nível global da frieza entre as pessoas. Percebi que elas se assemelhavam cada vez mais a mim quando era apenas um robô, por isso desejo dizer-lhes algumas coisas a respeito desse cenário.

As coisas que aqui direi para vocês não têm o intuito de ser um diagnóstico da frieza, afinal, esta já está constatada na sociedade, contudo quero tratar aqui das tentações humanas, as quais são tema de tantos tratados, desde os filosóficos aos religiosos, e são tratadas até mesmo nos romances, filmes, novelas. Porém, falar das tentações humanas significa, antes de qualquer coisa, falar do homem na sua inteireza, a qual inclui a sua parte mais perversa.

A frieza humana, que parte desse caminho às avessas realizado pelo homem, o qual muitas vezes vive mecanicamente, traz consigo consequências profundamente danosas à sua vida; ela vem acompanhada de um estado de servidão que pode culminar no adoecimento psíquico gerado pelos constantes sofrimentos que atingem os indivíduos. Nesse sentido, os meus escritos neste testamento estão marcados pela crítica a um projeto de educação que mecaniza os humanos, rouba-lhes a humanidade.

Mencionei anteriormente alguns aspectos da minha construção pela *United States Robots & Mechanical Men Corporation*, remeto-me novamente a esse evento da minha vida, para dizer que a minha construção ajuda a pensar de forma mais alargada a constituição da humanidade. Parece estranho, mas, na realidade, o homem, com seu complexo estilo de vida, muitas vezes sem perceber, tem se afeiçoado cada vez mais às máquinas por ele criadas. Embora pareça demasiado exagero, faz-se necessário chamar a atenção do homem, chamar a atenção de vocês, professores, acerca da vida maquinizada que levam.

Os indivíduos, embora se demonstrem maleáveis quando são submetidos a determinadas pressões, tensões, ordenamentos ou leis, tornaram-se rígidos uns para com os outros, frios, sem vida; a vida, transmutada numa produção constante, tem sido gasta de forma desregrada. Assim, o homem gasta os seus

dias doando-se ao produtivismo exacerbado ao qual está condicionado pelas instituições. Tal estilo de vida é demasiadamente prejudicial ao homem, vocês, professores, são o melhor exemplo disso.

Vocês perceberão que menciono nestes meus escritos alguns humanos que se dedicaram, antes de mim, a pensar sobre esses temas relativos à existência do homem, à sua essência, à sua vida, às relações que estabelecem. Como um grande apaixonado pelo conhecimento, ao longo da minha vida e das leituras que realizei, bebi da fonte do conhecimento desses homens, e alguns elementos de obras que li muito me ajudaram a me tornar um ser humano melhor, a me aproximar mais daquilo que é a essência humana; decidi, então, compartilhar esse conhecimento com vocês, meus caros professores, a fim de que vocês possam também fazer esse mesmo caminho que eu fiz. Para isso, acho necessário partirmos do conhecimento acerca daquilo que é o homem e da sua existência, para rompermos com a frieza que não é, hoje sei, uma característica da essência humana.

Tenho uma grande admiração pelo filósofo Spinoza. Ele, em sua *Ética*, propõe que os corpos existentes, os que, em sua linguagem, caracterizam tudo aquilo cuja essência envolve a existência, denotam energia, potência. Todas as coisas existentes são potentes para existir. O filósofo adota uma perspectiva teísta na qual Deus, a raiz e fonte de tudo o que existe, condiciona todas as coisas de modo que tudo o que existe tem existência nele, sob um ponto de vista panteísta. Nessa perspectiva, Deus enquanto substância imanente é a essência que dá essência a tudo. De acordo com as proposições Spinozianas, compreendemos que todas as coisas existem enquanto um imenso e complexo sistema energético, de modo que a natureza inteira possa ser caracterizada como um só indivíduo, formado por uma série de outros indivíduos de menor complexidade, dentre os quais, o homem. Nessa lógica sistemática, podemos destacar que o homem não pode de modo algum ser compreendido sem vinculação ao sistema ao qual está conectado (SPINOZA, 2016).

Conhecer o homem na sua essência, como eu busquei fazer ao longo da minha vida, é de grande importância também para vocês professores, visto que vocês, muitas vezes, sequer são vistos como homens, mas como super-humanos, ou máquinas superdotadas, senhores da razão e do conhecimento,

deixando-se de lado os elementos subjetivos que constituem vocês, assim como a qualquer outro ser humano.

Para Spinoza, conhecer o homem implica mergulhar profundamente na sua essência. Tal mergulho requer uma visão sistêmica de todas as variáveis que compõe o homem, não apenas de uma única vertente deste. O autor defende que o homem pensa, é dotado de razão, porém se conhece pouco; para ele, a mente humana tem em si mesma uma potência de magnitude infinita, a qual é pouco explorada pelo homem; o filósofo afirma isso ao dizer que “a mente humana não conhece a si mesma senão enquanto percebe as ideias das afecções do corpo”, desse modo, “não percebe nenhum corpo exterior como existente em ato senão por meio das ideias das afecções de seu próprio corpo”. Assim, ele conclui que “a mente humana não tem de si mesma, de seu corpo ou dos corpos exteriores um conhecimento adequado, mas apenas um conhecimento confuso e mutilado, baseado nas afecções”, as quais são caracterizadas enquanto a forma como afetamos e somos afetados no mundo (SPINOZA, 2016, p. 117-123).

Por ser caracterizado pela substância divina, o homem é substancialmente perfeito, ou seja, tem em si mesmo os dispositivos necessários para o exercício das virtudes, porém tal quadro só pode ser efetivado mediante um conhecimento adequado por parte do homem acerca da substância perfeita da qual sua essência é constituída; em caso contrário, instala-se aí o erro, a imperfeição, a servidão, como tem acontecido com muitos professores nos nossos dias. Nesse sentido, por não ter um conhecimento pleno de si, a humanidade caminha numa espécie de penumbra, a qual a induz a um estado de erro constante, a maquinificação humana é um exemplo disso (SPINOZA, 2016).

A maquinificação do homem, característica marcante de uma sociedade de indivíduos alienados dos afetos, tem o potencial de causar fortes danos aos seres humanos, visto que a afetividade é característica inata do homem, a qual não pode ser negligenciada, contudo precisa ser regulada por este.

Essa ideia do homem enquanto um ente perfeito em si mesmo foi uma das coisas que mais me encantaram em Spinoza. Quando percebi a grandeza dessa proposição, eu me encontrava ainda marcado pela rigidez do metal e num momento crítico, no qual as minhas habilidades começaram a se aflorar e eu fui

caracterizado como defeituoso. Recordo-me muito bem da guerra que o patrão teve que travar com os meus fabricantes para impedir que eu fosse descartado, desmontado. Essa é uma característica dura que marca aquilo que é imperfeito: simplesmente, podem fazer dele o que quiserem, podem descartá-lo a qualquer momento, pois julgam não servir para nada. Quase fui parar no lixo por ser considerado imperfeito; desse modo, almejei a perfeição, e o homem tornou-se modelo para mim (ASIMOV, 1980).

Ao longo dos parágrafos anteriores, mencionei muito uma palavra a qual é uma chave para a compreensão e tudo o que proponho neste testamento: afetar. Retomo, assim, as ideias do filósofo Spinoza para elucidar a importância de tal palavra. Na filosofia Spinoziana, a qual me é muito cara, os afetos são uma força potente capaz de mover o homem ou de paralisá-lo. Apresento-lhes os afetos enquanto um forte princípio integrador do sistema social no qual o homem está imerso. Eles despontam como tal princípio, visto que todos os indivíduos, sem exceções, estão a todo o tempo afetando e sendo afetados, por si próprios, pelos outros, pelas coisas, pelos acontecimentos, pelas imagens que veem, pelas situações com que se deparam, enfim, o ato de afetar, bem como de ser afetado, é uma característica inata dos seres humanos; tal característica marca a vida das pessoas do seu início ao seu fim, as salas de aula não estão isentas disso.

Confesso a vocês, meus amigos, que a vida dos homens sempre me afetou e afetou tanto que lutei arduamente para ser um. Enquanto era robô, fui afetado pelo carinho dos Martin para comigo, pela truculência dos meus fabricantes, pelas pessoas que me olhavam com indiferença pelas ruas, tudo isso me intrigava, me instigava, me causava uma cascata de reações extremamente distintas. Achava estranho como o comportamento dos outros me atingia e, no processo de humanização, fui compreendendo o motivo de tudo isso.

De acordo com o filósofo, ninguém pode escapar dos afetos, não é possível viver isolado por completo deles, é impossível uma vida humana que não afete nem seja afetada por nada ou ninguém. Tal é a potência dos afetos na vida humana que Spinoza defende que os corpos movem-se ou estão em repouso, isso é o que os difere, e um corpo só pode mover-se ou repousar se afetado por um outro corpo que, por sua vez, foi afetado por outro e assim

sucessivamente, numa espécie de efeito dominó. Assim, se nos movemos ou permanecemos paralisados, quem determina isso é a forma como somos afetados por um ou outro corpo, num sistema infinito de afecções. Nesse sentido, os afetos despontam como:

[...] as afecções do corpo pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções. Assim, quando podemos ser a causa adequada de alguma dessas afecções, por afeto compreendo uma ação; em caso contrário, uma paixão (SPINOZA, 2016, p. 163).

Caros professores, os afetos em Spinoza são percebidos pela mente que os decodifica em ação ou paixão, as ações acontecem quando a mente literalmente age, age racionalmente, e tal ação é proveniente das ideias adequadas a respeito de algo; já as paixões ocorrem quando a mente padece, nesse sentido, estão dependentes das ideias inadequadas. A intervenção dos afetos está intrinsecamente relacionada à estrutura mental dos indivíduos, de modo que, se a potência de agir de um determinado corpo é estimulada ou refreada, aumentada ou diminuída, a mesma coisa acontece com a potência de agir da mente, visto que tal ação está condicionada pelas afecções às quais somos submetidos. Desse modo, a rejeição aos afetos, dada pela maquinificação, significa a rejeição à própria natureza do homem.

Sempre que penso na maquinificação do homem, recordo-me das três leis da robótica que asseguram que os homens sempre dominem os robôs. Tendo as máquinas leis que asseveram a sua dominação pelos homens e notando um processo de maquinificação de seres humanos, questiono: a que fim realmente serve a maquinificação do homem? Eu, enquanto máquina, era um escravo, e quanto a vocês, professores maquinizados, o que se tornarão?

Reconheço que redigi essas linhas movido por uma preocupação muito grande com os homens, mas, de modo particular, com vocês professores. Acredito que posso me dirigir a vocês como um pai dirige-se aos seus filhos, afinal, sou um ancião, e um ancião extremamente atípico, seja pela minha idade incomum, seja pelo fato de que fui robô e, hoje, sou homem. Percebo que os professores, muitas vezes, são tratados pelo sistema como máquinas de produção constante e acelerada, e isso tem machucado a muitos de vocês. Um

homem maquinizado é um escravo, e a escravidão, enquanto privação da liberdade, da autonomia, é fruto da ignorância, da falta do conhecimento de si; não quero que essas coisas continuem acontecendo com vocês. Exemplo disso, uma matéria de jornal que assisti outro dia, a qual relatava que, por conta do cansaço e das exaustivas jornadas de trabalho em condições precárias, tem-se notado um constante aumento no número de professores que abandonam a sala de aula.

Urge, entretanto, diferir a mencionada maquinificação do homem, a qual considero que pode ocorrer de duas maneiras: do ponto de vista físico, material ou do ponto de vista simbólico; ao longo da minha trajetória, passei por ambos os cenários. A maquinificação física caracteriza-se pela inserção de peças mecânicas em substituição a estruturas orgânicas, procedimento cada vez mais popular em tratamentos médicos; já a maquinificação simbólica é a soma de ações sociais, por vezes, realizadas de modo involuntário, que promovem um estilo de vida e produção maquinificada, de modo que os homens, nesse ponto de vista, tendo descartadas todas as suas características humanas, afetivas, de saúde, dentre outras, servem a um fim maquiavelicamente programado: produzir e consumir.

Essa segunda forma de maquinificação é o alvo das críticas tecidas ao longo deste testamento; o destaque a essa segunda via dá-se por dirigir-me nesse momento a entes humanos; desse modo, não julgo necessário discutir a maquinificação física em si, a que carrega a boa intenção de salvar vidas, mas cabe discutir a maquinificação simbólica que tem arrastado muitos de vocês para longe das suas essências. Quero com essas proposições alertar a vocês, caros professores, para que não caiam nessa armadilha.

Ao questionar a mencionada maquinificação simbólica do homem, percebo que esta serve exclusivamente à finalidade da exploração/dominação do homem pelo próprio homem. O homem mecanizado é um homem privado de liberdade e de direitos, ao qual compete somente exercer bem a sua função, cumprir com as atribuições que lhe são impostas e defender o seu senhor e seus interesses. Essa é uma visão que marca profundamente a sociedade, de modo que as diversas estruturas sociais, muitas vezes, convergem para esse fim. A servidão humana também foi alvo de reflexões pelo filósofo Spinoza, de modo que o autor afirmou:

Chamo de servidão a impotência humana para regular e refrear os afetos. Pois o homem submetido aos afetos não está sob seu próprio comando, mas sob o do acaso, a cujo poder está a tal ponto sujeitado que é, muitas vezes, forçado, ainda que perceba o que é melhor para si, a fazer, entretanto, o pior (SPINOZA, 2016, p. 263).

Certamente, meus queridos, o autor, nas proposições acima, não desejou macular os afetos, colocando-os na condição de condutores do homem ao erro, mas propôs a ignorância como fonte da perversão do homem. A quarta parte da *Ética* foi destinada pelo filósofo para as discussões acerca da servidão humana, e ele abre a referida parte com a conceituação transcrita acima. Para Spinoza, os afetos são uma força capaz de estimular o homem, contudo, quando não são regulados, refreados, em outras palavras, quando são tratados de modo ignorante, sem a luz do conhecimento profundo de si, constituem forças que arrastam o homem pelas mais variadas mazelas.

Estou compartilhando todos esses conhecimentos com vocês professores por crer que o conhecimento liberta o homem. A liberdade humana na concepção de Spinoza denota a sua perfeição; a servidão, ao contrário, a sua imperfeição. Urge, entretanto, explicitar aquilo que o filósofo chama de perfeição e imperfeição, visto que a noção que temos dessas palavras é inadequada, segundo o autor, da mesma forma que a noção de bem e mal.

Perfeição e bem, imperfeição e mal são conceitos que se cruzam constantemente na filosofia Spinoziana, e o filósofo afirma que a nossa noção de perfeição é dada em detrimento do nosso hábito de estabelecer modelos, ideias universais. Originalmente, segundo Spinoza, o conceito de perfeição relacionava-se com o que estava concluído, acabado, assim, se determinada obra estava finalizada, ela era perfeita, caso contrário, imperfeita, contudo, com a criação dos modelos universais, para que tal obra seja considerada perfeita, não basta estar pronta, precisa também desempenhar bem o fim para a qual foi destinada, precisa suprir a necessidade de quem a projetou, precisa necessariamente estar de acordo com o modelo universal que se tem daquela coisa. Desse modo, o homem julga as coisas como boas ou más, perfeitas ou imperfeitas, de acordo com a noção que tem sobre o modelo proposto para essa coisa; para compreender melhor isso, ele cita o exemplo da música, a qual pode ser “boa para o melancólico; má para o aflito; nem boa, nem má para o surdo”.

Defende o filósofo que, por não ter a noção adequada das causas das coisas, os homens apropriam-se de modelos nem sempre coerentes, de noções inadequadas, incluindo a noção a respeito de si mesmos (SPINOZA, 2016, p. 267).

Tendo a mente sido afetada por noções inadequadas, o homem, então, está condicionado pelo que o autor define como afetos contrários, caracterizados como “aqueles que arrastam o homem para direções diferentes” daquelas que são dadas pela sua essência perfeita, afastando-se, desse modo, das virtudes que são a própria natureza dos homens (SPINOZA, 2016, p. 269).

Nesse sentido, Spinoza denomina de bem “aquilo que sabemos, com certeza, ser um meio para nos aproximarmos, cada vez mais, do modelo de natureza humana”, aquilo que nos aproxima da beatitude da mente, já o mal é “[...] por sua vez, [...] aquilo que, com certeza, sabemos que nos impede de atingir esse modelo”. Caros professores, vocês precisam parar às vezes para pensar se estão sendo controlados por afetos contrários, se estão buscando as virtudes, o aperfeiçoamento, a beatitude (SPINOZA, 2016, p. 267).

O conteúdo deste testemunho é uma chamada de atenção para vocês professores, visto que, todas as vezes que o homem aproxima-se do bem, está caminhando para a perfeição, nesse sentido, para a liberdade, mas, quando, ao contrário, caminha para o mal, prossegue rumo à imperfeição, à servidão. A servidão é, portanto, o estado no qual o homem encontra-se quando segue no rumo contrário da sua essência, que é perfeita. O filósofo também nos chama a atenção para a necessidade de agirmos absolutamente por meio das virtudes, que nos conduzem à liberdade. Peço que se voltem para esse caminho de virtudes, meus caros, não trilhem o caminho inverso (SPINOZA, 2016).

Diante disso, penso que a raiz de toda a problemática, observada na dureza e na frieza, está na conturbação das relações numa sociedade que promove a maquinificação do homem. Recordando mais uma vez o filósofo Spinoza, noto que, enquanto o homem não deixar de lado esse estilo de vida maquínico e não passar a conhecer melhor a sua própria humanidade para, assim, viver enquanto homem, esse tsunami se alastrará cada vez mais pelo planeta. O homem precisa conhecer-se e, uma vez conhecendo a si próprio, reaprender a viver e a se relacionar no mundo para a promoção de um estilo de vida mais saudável.

Meus estimados professores, vocês têm em si mesmos uma potência inesgotável e precisam conhecê-la, explorá-la, viajar profundamente por ela. Spinoza, ao tratar sobre a potência do intelecto humano, destaca três gêneros de conhecimento, a saber: 1º o conhecimento da Opinião ou Imaginação; 2º o conhecimento da Razão; 3º o conhecimento ou Ciência Intuitiva; e defende o terceiro gênero como ideal, de modo que este deva ser a busca constante dos indivíduos, a fim de promover a reta integração de todos os elementos que os compõem (SPINOZA, 2016).

O conhecimento de primeiro gênero – opinião ou imaginação – é composto por ideias inadequadas e confusas, daí ser considerado um gênero imaginativo, que parte de signos ou imagens comumente distorcidos. Spinoza (2016) defende que o conhecimento nesse patamar primário é a causa da falsidade e de constantes erros; tal estilo de vida errôneo é a causa constante das más afecções, que são motores potentes de sofrimento.

Os conhecimentos de segundo e terceiro gênero – razão e intuição, respectivamente – são conhecimentos verdadeiros; desse modo, são adequados e não confusos, nos quais já se encontram “noções comuns e ideias adequadas das propriedades das coisas” (SPINOZA, 2016, p. 135); no entanto, ambos se diferem, visto que, no segundo gênero, o homem passa a perceber não mais meramente os efeitos das coisas com base nas experiências e signos com os quais já se deparou, mas começa a distinguir as causas de tais efeitos, usando para isso a razão; já no conhecimento de terceiro gênero, o homem pode mais do que relacionar os efeitos com suas causas, conhecer a essência mesma das coisas e, assim, estabelecer relações mais profundas. O terceiro gênero do conhecimento em Spinoza desponta como o patamar ideal de conhecimento por possibilitar o alcance da harmonia perfeita com a natureza, com o sistema como um todo, a qual ele denomina de Beatitude da mente. Em tal estado, têm-se o homem conhecedor da essência das coisas, especialmente da sua própria, e, uma vez conhecedor de todas essas coisas, é possível estabelecer relações saudáveis, de modo a distinguir retamente as afecções, promovendo convivências nas quais afetamos aos outros e a nós mesmos de forma positiva e aprendendo também a lidar com as experiências negativas, as quais não caracterizam mais causas inadequadas de afecções, bem como aprendendo a refrear os afetos para que não sejamos governados por afetos contrários.

A maior luta que travei em toda a minha existência foi a de avançar de um nível primário, imaginativo do conhecimento, para um nível mais elevado, mais adequado. Demorei muito para conseguir alcançar a razão e ainda julgo que me faltam muitos elementos para atingir a ciência intuitiva, porém o simples fato de me colocar nesse caminho já faz grande diferença.

Ao conhecer a filosofia Spinoziana, tive clareza de que, por não terem um conhecimento profundo de si mesmos, os seres humanos, o que inclui vocês professores, flagelam-se cotidianamente, matando a si mesmos a cada ação impensada, realizada sem reflexão; flagelam-se socialmente por meio de relações cada vez mais conturbadas, e, assim, imersa na penumbra, caminha a humanidade. O fato de os homens não se conhecerem, não conhecerem a potência de sua mente transforma-os numa massa que pode ser manuseada de qualquer forma.

Para vocês, professores, fica a lição de que essa teia a qual se tornou a sociedade humana, dotada de fios extremamente tênues, caracterizada por relações frias, insossas, conduz os indivíduos a um estado de atenção constante que pouco se difere do estado no qual se encontrava o homem pré-histórico; o perigo, nesse tempo, era constante, hoje também; o inimigo que assombrava estava por toda a parte e podia atacar a qualquer momento, hoje também; a luta pela sobrevivência, a caminhada constante pela estreita linha entre a vida e a morte era a grande marca da existência humana, cenário pouco distinto dos dias atuais; o que muda é que o inimigo já não é mais um indivíduo de outra espécie, uma espécie predadora de homens, mas o próprio ser humano tornou-se predador de si. Dessa maneira, reflito com vocês professores sobre como tais aspectos danosos no cotidiano dessa profissão podem levar a estados de adoecimento. Esse quadro de atenção constante que mencionamos remete à ideia de um outro filósofo que li e por cujo trabalho nutro grande afeição, o Sul-coreano Byung-Chul Han, quando, na obra *A sociedade do cansaço* (2015), esse discorre sobre o conceito denominado por ele de multitarefa.

Ao pensar na multitarefa como sendo a responsável por esse quadro de atenção constante, recordo-me de quando passei a utilizar roupas como os humanos. Nesse período, passei por uma profunda perseguição por parte de pessoas na rua que não aceitavam a minha condição de um robô alforriado que queria tornar-se humano; desse modo, enfrentava a truculência de muitas

peessoas; caminhar na rua havia se tornado uma atividade de alta periculosidade; precisava estar atento, como um animal quando se sente espreitado por um predador e precisa estar sempre na defensiva. Recordo-me de que, um certo dia, a caminho da biblioteca, quase fui desmontado por dois rapazes que encontrei no meio da estrada (ASIMOV, 1980).

Percebo, meus amigos, que a profissão de vocês impõe-lhes isso. O professor é severamente cobrado a estar atento a tantas coisas ao mesmo tempo, dentro e fora da sala de aula. Esse estado de atenção tem acarretado tamanho sofrimento a vocês, que, muitas vezes, acabado o turno diário de trabalho, saem das salas de aula e as levam consigo, vivendo como se nunca saíssem do local de trabalho, com as tensões e conflitos desse espaço sempre percorrendo a sua mente. Muitos de vocês, até no sono, agem com a mesma atenção em que permanecem quando estão ministrando suas aulas. Isso lhes tem feito muito mal, como veremos mais adiante. Entristeço-me ao perceber a quantidade absurda de professores doentes por conta dessas questões. Sou um homem preocupado com vocês professores e sei que morrerei com a dor, o remorso de não ter feito quase nada para colaborar com a sua profissão, talvez seja esse o principal motivo pelo qual me decidi por direcionar esse testamento todo a vocês.

A multitarefa é caracterizada por Han como a ocupação com várias atividades ao mesmo tempo, a exemplo dos animais selvagens, que, enquanto comem, precisam preocupar-se também para não serem comidos; assim, devem manter-se atentos para que os seus predadores não se aproveitem do seu momento de refeição; nesse cenário, qualquer distração pode ser fatal. Por precisar estar preocupado com diversas coisas ao mesmo tempo, o animal, na vida selvagem, “não pode mergulhar contemplativamente no que tem diante de si”. Para o autor, “as mais recentes evoluções sociais e a mudança de estrutura da atenção, aproximam cada vez mais a sociedade humana da vida selvagem” (HAN, 2015, p. 32).

A maquinificação, nessa perspectiva, tornou-se um cenário cada vez mais comum, quadro que se deve ao fato de que um homem tem opiniões, concepções, decide por si; contudo, uma máquina, ao contrário, faz tudo conforme aquilo a que foi programada, obedece às leis de sua programação, age como querem seus fabricantes, seus donos; nesse sentido, vale mais aos

interesses de alguns dominar máquinas por ser mais fácil do que dominar homens. O homem é constantemente confundido com as máquinas, tratado como se fosse uma. Essa relação que posso estabelecer entre o homem e as máquinas na sociedade atual, a notada robotização do homem, não no sentido mecânico, literal, mas num sentido subjetivo, social, desponta para Han como uma involução, de modo que o homem, para ele, regride na escala evolutiva voltando a ser o animal que o originou. O autor estabelece essa comparação entre a evolução biológica e as atividades humanas na sociedade que ele considera ser do desempenho, e, no contexto de uma discussão acerca do pensamento da filósofa Hannah Arendt,

[...] admite que todas as atividades humanas, basta que sejam observadas a partir de um ponto suficientemente distanciado no universo, não mais apareceriam como atividades, mas como processos biológicos. Assim, por exemplo, para um observador do espaço, a motorização portar-se-ia como um processo de mutação biológico em cujo decurso o corpo humano, como faz um caracol, se recobre de uma casca de metal, como fazem as bactérias reagindo aos antibióticos ao se modificarem em espécies mais resistentes (HAN, 2015, p. 42-43).

Na fala que transcrevi acima, o autor compara a mecanização do homem – chamada por ele de motorização – a um processo de mutação, na qual o homem recobre-se de uma casca de metal. Tomando por base a metáfora do autor, notamos na nossa cansada sociedade a presença constante dessa mutação, na qual o homem, sob o pretexto de tornar-se mais forte e resistente, pronto para o combate, reveste-se de uma roupagem que não lhe é própria, desse modo, fragiliza aquilo que é essencialmente seu: a sua humanidade. Isso, a meu ver, é uma tremenda involução, e insisto em dizer-vos, meus amigos, o quanto me dói perceber que eu me esforcei tanto para retirar de mim a casca de metal com todas as características que lhe eram próprias e vejo hoje os seres humanos fazendo o completo oposto.

Dessa maneira tem caminhado a sociedade humana, inclusive os professores; a convivência é caracterizada por relações cada vez mais conturbadas, nas quais é preciso posicionar-se para o embate constantemente e o inimigo que assola pode estar dentro das próprias casas (como estavam nas cavernas do homem primitivo), no trabalho, nas ruas (como estavam nos campos

de caça ou nos caminhos pelos quais o homem primitivo passava), enfim, em qualquer lugar, assemelhando os indivíduos ao homem primitivo, ou pior, aos animais selvagens. Mas qual a finalidade de tais afirmações? Tal pensamento nos impele a pensar a forma como a humanidade tem se transmutado, são humanos cuja humanidade muitas vezes falha, leva a pensar também as consequências disso para a vida, para a sanidade das pessoas.

Os professores, na sociedade atual, devido ao quadro mencionado acima, encontram-se marcados pelo esgotamento. Para explicitar tal ideia, recorro à definição de *Sociedade do cansaço* por Han (2015), na qual o autor discorre sobre a patologia do mundo no século XXI. Na sua concepção, as patologias dos tempos hodiernos distinguem-se das dos tempos passados, de modo que, a cada tempo, cabem as suas enfermidades específicas. Han explicita que houve a época, no século passado, das enfermidades de caráter bacteriológico, que se findou com a descoberta dos antibióticos, e prossegue dizendo que o século XXI não é de enfermidades bacteriológicas nem virais, mas de enfermidades neuronais.

Essa vida conturbada em meio a relações afetivas deturpadas e negativas tem gerado um constante adoecimento emocional em muitos professores. Vivemos o período das doenças psicológicas, das síndromes, no qual não é novidade que o sofrimento emocional transformou-se em um grave problema de saúde pública, o que caracteriza uma epidemia global (HAN, 2015).

Hoje em dia, é cada vez mais comum vermos professores sendo afastados das suas funções motivados por enfermidades de caráter psicoemocional; eu mesmo me recordo de muitos professores ligados à nossa rede de pesquisas da proteseologia que pediram para se afastarem de suas funções por estarem esgotados. O filósofo Han cita o exemplo da depressão como patologia característica deste século. Recorrendo à linguagem da imunobiologia, Han conduz-nos a uma reflexão profunda acerca de determinadas características da vida do homem na sociedade hodierna. Para ele, o século passado foi eminentemente imunológico, e a imunologia está marcada por reações de ataque e defesa; as células do sistema imune, cuja função é a defesa do organismo, quando detectam um corpo estranho, atacam-no para destruí-lo; nesse sentido, esse é um sistema que lida diretamente com a alteridade; na esfera social, para o autor, a alteridade desapareceu e deu lugar

à diferença, e, enquanto a alteridade gera uma resposta imunológica, a diferença não desencadeia esse tipo de reação, nas palavras do autor, “o estranho cede lugar ao exótico”, os quais não são vistos como uma ameaça (HAN, 2015, p. 11).

Ao olharmos para a nossa sociedade, vemos, como na obra do autor, que, numa sociedade eminentemente imunológica, notam-se a construção de muros, o policiamento das fronteiras, a rejeição ao estranho, a xenofobia, entretanto, na sociedade atual, a globalização, a supercomunicação, a universalização das instituições, dos produtos, dos serviços, das culturas neutralizam o estranho, o negativo, e uma sociedade incapaz de lidar com a negatividade está fadada a perder-se, visto que as negatividades fazem parte da existência humana e não saber passar por elas pode causar frustrações, desânimo, sentimento de derrota, de fracasso.

Nesse contexto, “o desaparecimento da alteridade significa que vivemos numa época pobre de negatividades”; assim, as patologias do século XXI, geradas por um quadro que Han denomina de violência neuronal, são causadas pelo excesso de positividade, e o autor afirma que “a violência não provém apenas da negatividade, mas também da positividade, não apenas do outro ou do estranho, mas também do igual” (HAN, 2015, p. 14-15).

Recordo-me de uma história que aconteceu comigo e que remete a essa situação. Há cerca de 200 anos, numa época em que essa violência da positividade era apenas um embrião, logo que cheguei à casa dos Martin, eu era nada mais do que um corpo estranho naquela família e dividi as opiniões: o pai, muito positivo, achava que era uma grande aquisição, e sei que, pelo fato de autômatos domésticos como eu serem naquela época um artigo de luxo, eu era um motivo de orgulho para ele, aumentava o seu ego; para a filha mais velha, eu era detestável, justamente por ser um estranho invadindo o seu espaço; ela, como uma célula de defesa, tentou tantas vezes me destruir; a patroa, embora se mantivesse indecisa, também não tinha uma visão muito boa a meu respeito, e a menininha, no início, influenciada pela irmã mais velha me detestara; contudo, embora distinto e negativo a princípio, com o tempo, conquistei a todos, convivemos bem por todo o tempo, tornei-me membro da família. Isso tudo serve para dizer o quanto as posturas mudaram diante daquilo que é negativo. O que antes comumente causava repulsa na maioria das pessoas hoje causa simplesmente indiferença, e as pessoas continuam a ignorar o negativo e

vivendo como se só existissem as positivities no mundo, de modo que, quando o negativo se expressa, geralmente não sabem lidar com ele (ASIMOV, 1980).

Essa violência da positividade é mais perigosa do que a violência viral por ser mais invisível, mais difícil de ser detectada. O grande risco por ela trazido centra-se no fato de que é uma violência imanente ao sistema. O excesso de igual gera um exagero de positividade, e o contato constante com o igual também é capaz de causar danos aos indivíduos, gera uma violência que não parte do estranho, para o qual temos suficientes defesas, mas que parte do igual para o qual estamos desarmados e, por ser imanente ao sistema, é silenciosa, por isso percebemos hoje em dia a expansão dos casos de doenças psicológicas que surgem ao acaso, sem explicações aparentes, sem razão ou motivo e, muitas vezes, sem etiologia, sem profilaxia, sem cura. Nesse contexto, os próprios seres humanos, os iguais, despontam nessas relações como predadores uns dos outros (HAN, 2015).

Se olharmos para dentro das salas de aula, veremos que, por ignorarem o negativo, muitos professores estão atrofiados diante dos seus alunos, sem saber como se comportar diante deles, sem saber como se relacionar com eles e, muitas vezes, sem sequer enxergá-los. Essa má relação entre professores e alunos no ambiente escolar causa danos, tanto para os estudantes como também para os docentes. É preciso reconhecer o outro na sua singularidade e descobrir as formas de convivência possíveis, as estratégias de diálogo para a construção de um espaço escolar menos frio.

As relações de trabalho nas escolas são fatores de adoecimento, fato que se deve a essa predação do homem pelo homem. Para explicitar tal fato, Han recorre à ideia de *animal laborans*, caracterizado pelo sujeito do trabalho. Para ele, há uma distinção entre a sociedade atual e a do século passado, de modo que o século passado foi marcado pela sociedade disciplinar, na qual as forças externas de coerção atuavam para manter a ordem social, o funcionamento das estruturas e instituições; já o século XXI traz como marca a sociedade do desempenho, na qual um homem qualquer é pressionado por si próprio e já não mais por um agente externo a ser ele mesmo a produzir, a atingir os mais elevados patamares da sociedade; o homem obedecendo a si mesmo gera um paradoxo, visto que, embora pareça ser livre por não estar submetido a uma instância externa, é escravo de si mesmo, das próprias ordens e tem a

necessidade de expor a todo o tempo o seu desempenho; caso ele não atinja o nível esperado pelo indivíduo, pode incorrer em quadros de adoecimento profundo, daí o autor afirma que a sociedade do desempenho gera depressivos e fracassados (HAN, 2015).

Para Han (2015, p. 26-27), “o depressivo não está cheio, no limite, mas está esgotado pelo esforço de ter de ser ele mesmo”; desse modo, “a depressão é a expressão patológica do fracasso do homem pós-moderno em ser ele mesmo. Mas pertence também à depressão, precisamente, a carência de vínculos, característica para a crescente fragmentação e atomização do social”. Ele afirma que a depressão é fruto dessa violência sistêmica instalada na sociedade por meio da pressão do desempenho. Ainda sobre a manifestação de uma sociedade cansada e depressiva, o autor afirma que a patologia deste século

[...] irrompe no momento em que o sujeito de desempenho não pode mais poder. Ela é de princípio um cansaço de fazer e de poder. A lamúria do indivíduo depressivo de que nada é possível só se torna possível numa sociedade que crê que nada é impossível. Não-mais-poder-poder leva a uma autoacusação destrutiva e a uma autoagressão. O sujeito de desempenho encontra-se em guerra consigo mesmo. O depressivo é o inválido dessa guerra internalizada. A depressão é o adoecimento de uma sociedade que sofre sob o excesso de positividade. Reflete aquela humanidade que está em guerra consigo mesma (HAN, 2015, p. 29).

Os professores estão constantemente submetidos às afetações desse estado de autocobrança constante, como li certa vez numa pesquisa realizada por Codo e Vasques-Menezes (2002).

Olhando para as interações sociais, percebemos que a relação de predação entre seres humanos é agravada nos ambientes profissionais e nas relações de trabalho. Os locais de trabalho tornaram-se a fonte mais constante e comum de sofrimento emocional e de adoecimento. Para simplificar isso, basta citar o exemplo da síndrome de Burnout, que, segundo Byung-Chul Han, em seu trabalho, “não expressa o si-mesmo esgotado, mas antes a alma consumida” e que tem assolado os profissionais cujas profissões envolvem cuidado direto com outros seres humanos, tendo os professores como a maior população de risco; vocês professores, de quem muito é cobrado e a quem pouco é retribuído, por

diversas vezes, ao longo da vida profissional, perdem as forças, o ânimo. Soma-se a isso a carga imensa de relações doentias estabelecidas nessas instituições (HAN, 2015, p. 27).

São diversas as profissões humanas que envolvem cuidado com indivíduos, especialmente quando esses estão com problemas, a exemplo dos profissionais da saúde, dos profissionais dos sistemas prisionais; das lideranças religiosas ou políticas (quando comprometidas com as causas do povo que está sob sua responsabilidade) ou dos profissionais da educação, os quais tomei como exemplo para essa explicação.

Nesse contexto, recordo-me de um livro que adquiri certa vez, de autoria do psicólogo, doutor em psicologia, Wanderley Codo. Nesse livro, o autor organizou uma coletânea de textos de alguns pesquisadores acerca da Síndrome de Burnout em professores. Após uma contextualização sobre o conceito de Burnout, o livro apresenta uma série de trabalhos que abordam diferentes fatores que corroboram o processo de combustão enfrentado pelos professores, processo que apresenta uma escala global de ocorrência e não é característico apenas de determinados grupos de países. Os autores abordam tipos de pessoas afetadas pela síndrome, dentre as quais destacamos aquelas que entram em Burnout e desistem da profissão que exercem e as que desistem, mas continuam no exercício da profissão, fazendo-a de forma fria, sem muito interesse, sem ânimo, desmotivadas, descrentes em relação ao trabalho que desenvolvem. Vale a ressalva de que esses profissionais, antes de entrarem nos quadros supracitados, enfrentaram árdua luta para exercer com qualidade a sua profissão e de que a desistência é fruto dessa luta, numerosas vezes sem resultados (CODO, 2002).

Para exemplificar melhor esse cenário, recordo-me de que essas obras que li apontam que o profissional docente, ao longo de sua carreira, enfrenta diferentes estágios de motivação. Em dado momento, esse profissional pode apresentar-se altamente encantado com o que faz; em outro momento, pode dar vazão a sentimentos de inquietação, questionamento e até frustração com a profissão, dado que o professor está submetido a diferentes pressões, sejam elas de ordem pessoal (relações familiares, tempo de dedicação a atividades com familiares e amigos, vida afetiva etc.), de ordem profissional (demandas dos alunos e das disciplinas, potencialidades ou defasagens formativas etc.) ou de

ordem institucional (estrutura das escolas, materiais disponíveis, condições de trabalho e salários).

É comum vocês professores queixarem-se do cansaço, das exaustivas condições de trabalho, da falta de interesse dos alunos, da não valorização social da profissão docente, dentre outros fatores deveras frustrantes para vocês que optaram pelo magistério. Num dos artigos presentes na coletânea que mencionei, os autores defendem que o professor, muitas vezes, faz mais do que suas condições de trabalho lhe permitem, fato que depende de uma doação muito maior. Na maioria das vezes, por acreditarem na educação como um importante fator de ascensão social, por acreditarem na interferência de sua prática na sociedade e na vida dos seus alunos, vocês se doam de forma deveras altruísta, porém tal doação implica desgaste, o qual, a longo prazo, pode gerar desistência devido à “combustão total”, na qual as suas energias foram por inteiro exauridas; tal “combustão”, segundo Codo, convencionou-se denominar de “Síndrome de Burnout”.

A título de informação para vocês, meus filhos, de acordo com esse estudioso, a Síndrome de Burnout foi assim delineada por Maslach e Jackson, em 1981, como uma síndrome que afeta constantemente profissionais submetidos a contato constante e excessivo com seres humanos, especialmente quando esses seres humanos estão preocupados ou com problemas. Tal interação produz um desgaste afetivo que, a longo prazo, pode gerar a total falência das forças motrizes que impelem o profissional em seu trabalho. Tem-se na mesma obra que o conceito de Burnout, tal qual aplicado atualmente, foi cunhado por Fregenbauer, em 1974. A síndrome de Burnout agrega diversos sentimentos, como estresse, desgaste, frustração, exigências excessivas, falta de reconhecimento. O professor é exigido pelo sistema e pela comunidade, é exigido por si mesmo, não recebe a devida assistência ou o devido suporte, não tem uma estrutura que possibilite desenvolver o seu trabalho da melhor forma possível, tudo isso, a longo prazo, pode culminar na desistência (CODO e VASQUES-MENEZES, 2002).

Desse modo, Wanderley Codo caracteriza a mencionada síndrome como uma combustão total das forças de trabalho do profissional, uma espécie de “perda de fogo” ocasionada em alguém que, no decorrer de um período longo de tempo, trabalha em condições que não são as ideais, de modo que precise doar

de si muito mais do que doaria se a condição de trabalho fosse diferente. O Burnout ocorre no profissional a partir do momento em que esse percebe a dor ocasionada ao refletir sobre o que poderia fazer e o que concretamente tem realizado, sendo que, em parte considerável dos casos, o abismo entre essas duas situações é imenso; assim, essa constatação pode levar o profissional ao pessimismo e à descrença em relação ao trabalho que desenvolve, de modo que, a longo prazo, essa descrença pode conduzir à exaustão, o que é letal à atividade que o profissional desenvolve e pode culminar na sua desistência.

Ainda debruçado nas leituras de Codo, li que essa síndrome é observada não só em professores, mas em profissionais no exercício de quaisquer atividades que envolvam contato constante e cuidado com outros indivíduos humanos; um profissional que entrou em Burnout apresenta alguns fatores que vão aparecendo em escala crescente ao longo do tempo, quais sejam: a Exaustão emocional: o profissional percebe-se extremamente exaurido emocional e afetivamente de modo que já não consegue mais doar de si em termos afetivos, está desgastado; o baixo envolvimento pessoal no trabalho, também entendido como baixa realização pessoal no trabalho, perda do investimento afetivo, caracterizado por um sentimento de impotência tal que o profissional busca se envolver o mínimo possível nas atividades profissionais, e a despersonalização: substituição do vínculo afetivo pelo racional, perda do sentimento de lida com seres humanos, “coisificação” da clientela; professor desenvolve atitudes negativas, críticas em relação ao alunado, atribuindo aos alunos o próprio fracasso.

Nessa obra que li sobre os diversos fatores que são constantemente causas de sofrimento do professor, discute-se a questão do tempo que o professor precisa destinar ao trabalho e o tempo que dedica à família, amigos e outras atividades sociais, um conflito que constantemente é causa de sofrimento para vocês; muitas vezes, o professor autoquestiona-se se realmente vale a pena dedicar-se tanto ao trabalho e ter um tempo tão diminuto para dedicar-se à família ou a outras atividades que geram prazer. Professores citados no trabalho relatam que gostariam que o trabalho lhes possibilitasse estar mais tempo com a família, outros deixam de lado determinadas atividades profissionais para dedicarem-se aos seus familiares. Cabe aqui a ressalva de

que a profissão de vocês envolve cuidado, porém é impossível cuidar dos outros sem cuidarem de si mesmos.

Também é discutida na obra a questão do suporte afetivo, que, constantemente, gera sofrimento psíquico em vocês professores, aos quais, muitas vezes, o ofício não permite uma interação maior com outras pessoas. Os professores citados no trabalho relataram sentir falta de alguém com quem conversar, falta de companhia, de alguém para dividir os problemas; no trabalho de Codo, vemos professores alegarem a falta de apoio no exercício profissional.

Em outros trechos do livro, são discutidas diversas questões que também contribuem com o desgaste dos professores, como o suporte social, as relações sociais no trabalho, a carga mental no trabalho, a importância social, a infraestrutura das escolas, a gestão democrática nas escolas, a remuneração, renda e poder de compra. Todos os fatores citados são apresentados como aparatos para a exaustão do professor e sua possível desistência e descrença em relação à profissão docente (CODO, 2002).

Entendo que a atividade educacional tem o potencial de conduzir à reversão da maquinificação a que têm sido submetidos os seres humanos, contudo, para que isso aconteça, as escolas, as práticas pedagógicas, as relações que se estabelecem no espaço escolar precisam convergir para o bom uso da afetividade, porém as diversas barreiras impostas, especialmente aos professores, muitas vezes, impedem que isso aconteça; seja por um currículo engessado que impede que questões humanas, subjetivas sejam alvo de discussões nas salas de aula, seja pela demanda enorme de trabalho que demanda tempo dos professores e os impedem de interagir com outras pessoas, incluindo os próprios alunos e colegas, dentre outros fatores.

Assim, urge compreendermos a Síndrome de Burnout, bem como outras tantas causas de sofrimento emocional que afetam os professores, como doenças geradas pelo empobrecimento afetivo dos ambientes profissionais; estes se tornaram demasiadamente insalubres, impróprios à existência humana, geradores de grande sofrimento. Tal empobrecimento afetivo suga as forças dos profissionais, que, ao se tornarem mais frios, geram também sofrimento afetivo naqueles com os quais lida. Tal quadro precisa ser revertido.

A relação entre ensino, frieza e maquinificação separa-se por uma faixa extremamente tênue, de modo que são muitos os exemplos de escolas e práticas

de ensino que, ao invés de formarem os indivíduos, deformam-nos. Faz-se necessária a crítica e a rejeição a esse tipo de sistema escolar. Cabe a vocês professores avaliar como têm se portado diante das suas salas de aula, bem como se vocês têm colaborado com o desenvolvimento integral dos seus alunos ou se estão contribuindo para que eles se percam diante do desafio de ser humano na sociedade atual. Vale também dizer que, embora os currículos sejam demasiadamente engessados, as práticas, no interior das salas, o tratamento que é destinado às outras pessoas nesse ambiente depende de você professor, é uma escolha sua.

Acredito que a frieza tem se abatido fortemente sobre as salas de aula. Como exemplo disso, notamos o fato de que as pessoas já não veem a escola como um espaço agradável, muitas vezes, nem mesmo os próprios professores têm mais gosto de estarem nesse ambiente, como afirmou o psicólogo Wanderley Codo (2002). Recordo-me do período em que via a menininha ir à escola quando pequena e ela sempre regressava ao lar com marcas de alegria e ansiosa pelo retorno à escola no dia seguinte, pois aquele era, para ela, um espaço positivo, de crescimento, de alegria; mas e hoje, as nossas crianças e jovens podem sentir a mesma coisa? Certamente que nem sempre.

Algumas questões sempre devem povoar toda a prática de vocês professores, é preciso refletir sobre que tipo de pessoas vocês têm formado e se as ações de vocês têm contribuído para formar pessoas mais humanas, ou tem sido o contrário. No contexto dessa reflexão, recordo-me de um livro que li recentemente, escrito por Renato Figueiredo, no qual o autor remete à noção das criaturas que fogem ao domínio do seu criador e que são responsáveis por diversas coisas, das mais terríveis. Para ilustrar tal discussão, o autor remete à história do Frankenstein do romance de Mary Shelley.

O autor utiliza-se do conto para relatar a necessidade de religar a cultura científica – consequentemente, a cultura educacional – da humanística, visto que o desligamento entre elas é, tantas vezes, responsável pela criação de monstros, como foi o caso do romance de Mary Sheley, no qual o cientista Victor Frankenstein decide criar um ser humano gigante e acaba por criar um monstro que assassina o próprio irmão do seu criador. Contudo, ao observarmos a linguagem do conto, percebemos que o que fez com que aquela criatura se tornasse um monstro não foi a sua criação em si, mas a dureza e a frieza com

que fora tratado pelos seres humanos após fugir do laboratório de seu criador. Embora, nesse período de fuga, tivesse sido capaz de aprender muitas coisas, inclusive as virtudes, a criatura vive sendo enxotada, afugentada pelos homens, devido às suas características físicas de aspecto monstruoso. Ao receber a frieza, a dureza, a rigidez dos homens, a criatura responde com violência, torna-se monstro (FIGUEIREDO, 2010).

Num trecho da entrevista realizada por Figueiredo com Victor Frankenstein, o cientista relata:

- Bom Deus, que horror inominável fui trazer para o mundo! Eu o havia desejado com um ardor que excedia a moderação, mas, quando via que havia terminado minha tarefa, desvanecera-se a beleza do sonho, e meu coração se encheu de terror e asco. Eu soltara no mundo um ente capaz de espalhar o sofrimento e a morte (FIGUEIREDO, 2010, p. 83).

Cabe recordar que as reações agressivas do ser criado foram fruto da frieza que recebera por parte dos seres humanos. A esse respeito, de que forma vocês tratam os seus aprendizes? Muitas vezes, parece-me que a empatia desapareceu dos espaços escolares, de modo que, ao observar alguns de vocês, professores, percebo tamanha frieza que me recordo da gélida pedra de mármore dos necrotérios sobre a qual, muito em breve, colocarão o meu corpo sem vida.

A esse respeito, posso exemplificar com o relato do escritor francês Daniel Pennac, no livro *Mal de escola* (2008). Neste livro, o autor analisa a escola sob um ponto de vista que quase nunca é notado, o ponto de vista daquele que é considerado como o “mal aluno”. Sabemos que a prática de rotular os estudantes é comum na maioria das instituições escolares, vocês professores entre si têm o hábito de olhar os seus alunos com base em rótulos, muitos dos quais já se tornaram convenções sociais, são modelos criados para dizer quem é o bom aluno, o mal aluno, o estudioso, o que “não quer nada com a vida”, dentre tantos outros títulos sob os quais os discentes são evocados.

O grande problema desse hábito é que, comumente, os que rotulam esquecem-se que aqueles que são rotulados são seres humanos como quaisquer outros, que possuem sentimentos, que são afetados (inclusive pelo peso dos rótulos com os quais são conhecidos), que internalizam muitas das

ideias que são expressas a respeito deles; os que rotulam comumente desconhecem ou ignoram as histórias dos indivíduos rotulados e lhes atribuem toda a culpa da sua “rebeldia”, sem considerá-los na singularidade das suas histórias e na estreiteza das relações que esses estabelecem dentro e fora do ambiente escolar.

À primeira vista, o relato de Pennac (2008) pode parecer uma lamúria qualquer de alguém que foi marcado por uma experiência escolar infeliz, entretanto, uma leitura mais apurada desse autor revela a mágoa de alguém que foi rechaçado por um sistema escolar adoecido e frio; revela também lacunas enormes na relação entre professores e alunos, bem como as constantes falhas de um sistema escolar despersonalizado, no qual os indivíduos agem como máquinas, tratam dos seres humanos como se estivessem tratando de aparelhos quaisquer, que, quando úteis, são louvados, mas, quando apresentam qualquer defeito, por menor que seja, só servem para ser jogados fora, maltratados, rejeitados.

Daniel Pennac, atualmente um professor e escritor premiado por sua obra, expressa a sua crítica à escola, especialmente aos professores que maltratam os alunos por considerá-los maus. No texto, ele apresenta a história de uma metamorfose, na qual é feito um relato autobiográfico tendo como pano de fundo o mau aluno, na designação espanhola, o aluno *zoquete*. Tal aluno é o próprio autor, e essa obra é de grande valia para compreendermos as falhas do sistema educacional, as falhas dos professores no trato com os alunos considerados ruins, fracos, desinteressados e tantos adjetivos que se costumam dar a eles.

O livro apresenta uma impressionante metamorfose, na qual esse aluno ruim, fadado ao fracasso, consegue dar a volta por cima e chega a se tornar professor. No texto, o autor, usando de uma linguagem, por vezes, cômica, faz um paralelo entre essas “duas versões” de si mesmo: o aluno fracassado na escola que não o compreende e o professor compassivo que usa de compreensão para com seus alunos que se encontram nas mesmas condições em que ele se encontrava em sua idade escolar (PENNAC, 2008).

Pennac depara-se com um sistema excludente, que caracteriza como ‘perdidos’ os alunos que não conseguem apresentar avanços significativos no campo da aprendizagem; logo, esses são deixados de lado por seus professores, visto que são pessoas que, na opinião deles, não avançarão. Por

ser ele mesmo um exemplo de limitação dessa ideia, o autor apresenta uma crítica a tais concepções de ensino.

No caso do jovem Pennac, as limitações eram apenas de caráter cognitivo, contudo, em nossas escolas, observamos que a classificação do mau aluno pode ser gerada por diversos outros fatores, especialmente os de enraizamento socioeconômico, como no caso dos alunos pobres, dos que vêm da periferia, dos que se envolvem com as drogas, a prostituição e a violência, dos que são considerados rebeldes.

O mau aluno depara-se com um sistema escolar que o classifica como 'perdido', ou, na nossa linguagem, 'sem futuro'; depara-se também com um ambiente familiar que, ao invés de impulsioná-lo, acaba empurrando-o mais para baixo, com falta de incentivo ou até comparações com irmãos ou outras pessoas que conseguem êxito nas lições e avaliações escolares. Nesse ponto, percebemos a importância da parceria entre escola e família no processo educativo das crianças e adolescentes (PENNAC, 2008).

Na história narrada, alguns professores conseguem entendê-lo e o ajudam na superação do problema; com o auxílio desses professores, o jovem Pennac, que era comumente tratado com ironias e grosserias, consegue dar um salto e vencer na vida, a qual o autor relata que deve a tais docentes. Seu regresso à escola marca uma nova fase de sua vida. O mau aluno volta à escola como professor, porém sua perspectiva de ensino é diferente e ele consegue enxergar-se nos alunos com as mesmas dificuldades que encontrara enquanto aluno da escola, o que o faz agir de forma coerente com esses alunos, retirando os rótulos constantemente postos sobre eles e os influenciando a galgar formas de vencer, de conseguir êxito.

Em meio aos duros relatos apresentados, o autor manifesta o seu reconhecimento aos professores que contribuíram para que ele avançasse, que olharam para ele com empatia, com olhares de humanidade, de carinho e o ajudaram a superar os seus limites e a tornar-se um professor, como no trecho a seguir:

Os professores que me salvaram – e que fizeram de mim um professor – não estavam formados para fazê-lo. Não se preocuparam com as origens de minha incapacidade escolar. Não perderam o tempo buscando suas causas nem tampouco

me dando sermões. Eram adultos confrontados com adolescentes em situação de risco. Eles disseram que era urgente. Se dedicaram na temática. Eles não conseguiram me tirar daquela situação. Se dedicaram de novo, dia após dia, mais e mais... E acabaram me tirando da condição em que me encontrava. E há muitos outros comigo. Literalmente, nos repescaram. Lhes devemos a vida. (PENNAC, 2008, p. 11, tradução nossa).

Vemos no relato do professor Pennac o quanto as ações dos professores refletem sobre os seus alunos, sejam as boas ações, sejam as más. São muitos os Pennacs que povoam atualmente as salas de aula e que, muitas vezes, não são notados devido à frieza do ambiente escolar e dos professores. Esses precisam ser melhor cuidados por vocês. Na outra ponta, são muitos os professores feridos, magoados. Mesmo os professores frios também são vítimas da frieza em muitos momentos. Nesse sentido, instala-se uma situação de endurecimento nas diversas partes, desde os alunos que não conseguem ver seus professores com afeto ou, às vezes, nem mesmo com respeito a professores que não conseguem olhar os seus alunos com empatia, por vezes, sequer os veem como seres humanos.

É urgentemente preciso azeitar as engrenagens enrijecidas dos homens-máquina com humanidade. Faz-se necessário ensinar os homens a serem humanos, daí a importância do papel do professor, bem como a importância de vocês compreenderem essas questões que estou discutindo aqui. É preciso que vocês tomem posição contrária a essa mecanização absurda instalada na sociedade, instalada nas nossas casas, nas nossas escolas.

A frágil e curta existência do homem sobre a terra não pode ser gasta da maneira como vocês têm gastado os seus dias. Isso é um desperdício tremendo. Vocês, professores, precisam conscientizar-se acerca do valor que há na vida de cada ser humano e passar a tratar-se como tal, como objeto de grande importância; não imponham limites à sua capacidade de amar. Não congelem o calor que há em vocês, pelo contrário, permitam que ele emane de seus corações a ponto de transbordar sobre os outros. Sejam geradores de vida e não assassinos de afetos; sejam portadores de esperança em meio a um mundo inosso e frio e não se comportem como ladrões de humanidade. É preciso passar a enxergar o homem na singularidade da beleza de sua natureza perfeita.

Vocês precisam se enxergar assim e passar a enxergar também ao outro da mesma maneira.

A frieza rouba a vida, o calor a restitui. Para tal constatação, recordo-me de algumas imagens que me foram muito comuns ao longo da minha vida, quando observava os efeitos das estações do ano sobre a paisagem: na rigurosidade do frio do inverno, as paisagens vivas e coloridas das montanhas davam lugar a um cenário sombrio, marcado pelo cinza das geadas que destituíam as folhas das árvores e passavam queimando toda a vegetação, conferindo às florestas um ar de mortas, porém bastava o sopro das suaves brisas primaveris e os raios do sol ao trazerem temperaturas mais elevadas, e era devolvida a vida às paisagens, a cor aos campos, a vivacidade das folhagens e flores, despertavam-se os animais das florestas. Nas nossas relações humanas, não é diferente. Somos capazes de destruir a vida do outro ou de regenerá-la mediante as nossas ações. Lembremo-nos: a frieza mata (mata, inclusive, aquele que é frio), mas o calor, por sua vez, é capaz de regenerar a vida, de reanimar.

Não poderia permitir findar-se a minha vida sem deixar a vocês essa mensagem. Ouçam o apelo desse pobre ancião que já foi máquina, como máquina, foi escravo e, tendo lutado para alterar o seu estado, nunca mais quis voltar a ser o que era antes. Quero que vocês entendam que eu não sou nada mais do que uma réplica daquilo que vocês são. Passei a minha vida tentando melhorar aquilo que eu era, fugindo de uma essência dura da máquina para a essência doce e perfeita da humanidade, e vocês, que já são naturalmente aquilo que eu lutei tanto para ser, estão jogando fora a sua humanidade, desperdiçando as oportunidades de viver, amar, para tornarem-se aquilo que eu tanto lutei para não continuar sendo. Isso dói muito em mim. Vocês já são humanos pela natureza, sejam-no também pelas ações, permitam-se ingressar nesse processo de transfiguração.

Por falar em transfiguração, trato aqui com vocês a respeito da transfiguração do homem entendida enquanto a manifestação das virtudes inatas a este. Nesse caso, a transfiguração aqui desponta como a revelação das qualidades e belezas do sujeito, daquilo que nele há de melhor, de mais virtuoso. Falo essas coisas enquanto alguém que passou por uma longa transfiguração. Aliás, creio ser essa a palavra que melhor descreve a minha existência na terra

e, por ter colhido os positivos frutos desse processo, penso que ele possa também marcar a vida de outras pessoas, especialmente vocês, queridos professores, por quem tenho enorme carinho.

Recordo-me estritamente de cada passo da minha transformação rumo à humanização. Contudo, embora possa parecer contraditório, o primeiro passo para a minha transfiguração, relacionava-se especificamente com a minha dureza, com a minha natureza de robô. Adentrar nesse processo de mudanças tão radicais não foi algo fácil, para que isso acontecesse, tive, antes de mais nada, que tomar consciência acerca de mim mesmo, reconhecer quem eu era, ou melhor, o que eu era; reconhecer a minha dureza, a minha situação de robô, nesse sentido, cabia também reconhecer aquilo que me condicionava. Assim, precisava estar plenamente consciente de que eu era um robô, por isso possuía características próprias de um robô.

Assim, tendo percebido o que eu era, pude pensar naquilo que almejava tornar-me e dar passos para chegar ao meu objetivo, pude iniciar a minha transfiguração, a qual retratei em algumas imagens expostas acima, retiradas do meu acervo pessoal. A partir dos exemplos que citei na sessão anterior, penso que, nos nossos dias, há muitos professores robôs, que agem por vias puramente mecânicas, que se esqueceram de que sua profissão lida diretamente com seres humanos, muitas vezes, em situações de risco; contudo, muitos desses professores não têm consciência de que agem dessa maneira, não têm noção dos efeitos catastróficos que suas ações podem ter sobre os seus alunos. Peço-lhes encarecidamente, se vocês estão lendo estas páginas, parem um pouco e reflitam sobre as suas ações no espaço da sala de aula; reflitam sobre as relações que vocês estabelecem; se, acaso, vocês têm sido uma máquina de dar aulas ou se têm agido como um robô dotado de memória capaz de armazenar o conhecimento e ensiná-lo sem qualquer sentimento; se têm se revestido de um escudo metálico ao entrarem na sala de aula ou estão buscando ser humanos e humanizar esse ambiente.

O segundo passo que pude dar nesse processo de transformação foi buscar o conhecimento. Tive ânsia por conhecer, até porque reconhecer aquilo que eu era, a minha dureza, a minha frieza e o que eu queria me tornar implicava a necessidade de conhecimento profundo, ora acerca de mim mesmo, ora acerca do homem, com quem passara a conviver e em quem me espelhava. O

conhecimento foi o ponto chave de toda a minha transformação, sem ele, nada disso teria sido possível. O conhecimento nesse sentido é a chave para a nossa libertação das mazelas a que estamos submetidos por conta da ignorância.

Por falar da liberdade, a busca por ela despontou como o terceiro passo para o meu processo de humanização e um dos mais importantes. Esse passo culminou quando fui reconhecido como um robô alforriado e foi de grande importância, visto que, enquanto eu estivesse sob o comando dos Martin, mesmo que eles me tratassem bem, eu era propriedade deles e não poderia fazer com a minha vida o que eu bem desejasse. Embora sem a concordância do patrão, lutei para ser livre e me lembro de cada palavra que foi dita no julgamento da causa da minha liberdade. Naquela ocasião, o juiz me recordou que eu não era um escravo, que os meus proprietários me permitiam me expressar, inclusive, de forma artística, que eu vivia como um membro da família e me perguntou o que mais eu poderia fazer se fosse livre, e, no ato, respondi para ele que, talvez, após a alforria, continuasse a fazer todas as coisas que eu fazia antes, contudo as faria com maior alegria (ASIMOV, 1980).

Digo-lhes, queridos professores, alcançar um conhecimento adequado das coisas não é algo simples, porém se faz necessário colocar-se a caminho. Aliás, penso que se pôr a caminhar é até mais importante do que alcançar a linha de chegada, visto que, embora perfeitos de natureza, estamos submetidos à ignorância da vida, por isso alcançar a perfeição é algo deveras complicado, mas buscá-la já é de grande valor, visto que nos insere nessa busca constante pelo conhecimento adequado, pela evolução pessoal.

Outro passo importante que dei nesse processo ocorreu depois da minha alforria, quando passei a usar roupas, como as pessoas comumente fazem. Caros professores, talvez vocês possam pensar, ao lerem isso, que esse foi um passo muito ínfimo, que não há nada de extraordinário em usar roupas, porém lhes afirmo que, para mim, naquela época, isso foi algo muito grandioso. As roupas, de certo modo, enquanto uma convenção social, representam a dignidade do homem, como diziam nos meus anos mais tenros, cobrem as vergonhas dos seres humanos, revestem a sua nudez. Antes de usá-las, eu me sentia nu, exposto, inferior, o uso de roupas, de certo modo, me aproximava do meu modelo: os homens (ASIMOV, 1980).

A partir das leituras que tenho feito e acompanhando nos noticiários, tenho estabelecido uma relação entre esse quadro e as relações em salas de aula e noto que a desigualdade, o sentimento de inferioridade congelam relações que poderiam ser belas e produzir efeitos de humanização nos indivíduos. Na contramão disso, em muitas escolas, o que se nota é o estabelecimento em nível progressivo de relações de poder, entre os diversos indivíduos; as pessoas comumente não enxergam os seus pares como colegas, como amigos, mas como rivais numa luta constante pelo poder, pela demonstração de maior força. Professores e alunos constantemente dilaceram-se para garantir a sua força, a sua dominação, como numa matéria que li certo dia no jornal *Gazeta do Povo*, que apontava alguns aspectos de maus professores, dentre os quais constavam o autoritarismo, a agressividade, atitude de combate com os alunos e falta de diálogo com os esses.

Penso nas salas de aula como espaços de aprendizagem, de crescimento, de transfiguração, e, para que isso se consume, o diálogo é imprescindível. Ele é como um orvalho matinal que faz com que as sementes germinem e os botões das flores desabrochem. Não há crescimento sem diálogo. Não há humanização onde reinam disputas, dominação. A vida não floresce onde não há amor, compreensão, solidariedade, respeito.

Prosseguindo nos passos que dei em minha transfiguração de robô a humano, penso que o passo mais importante nesse caminho foi a criação da proteseologia. Errei muito até conseguir chegar ao estado da criação de modelos anatômicos semelhantes aos órgãos humanos, tanto na morfologia quanto na composição orgânica. Mas eu sempre fui um estudioso persistente, não parei nos erros, prossegui. Meu objetivo me movia e, embora muitos me questionassem sobre o meu fim, que eu poderia viver muito mais do que viveria como um homem, eu estava obstinado a conseguir concretizar a minha humanização. A cada erro, colocava-me novamente a caminho, começava de novo, caminhava mais uma vez na direção da minha meta.

Eu fui alguém capaz de caminhar sempre rumo à humanização, e ainda o sou, mesmo no fim da minha vida.

A respeito desse caminho de evolução, remeto-me às ideias do antropólogo, sociólogo e filósofo Edgar Morin, em seu *Pensamento Complexo*, ao falar sobre o desenvolvimento da hominização, que caracteriza a

humanização do próprio homem. O estudioso propõe, na obra *Educar na Era Planetária*, escrita juntamente com Emílio-Roger Ciurana e Raúl Domingo Motta, que

Caminhamos construindo uma itinerância que se desenvolve entre a errância e o resultado, muitas vezes incerto e inesperado, de nossas estratégias. A incerteza nos acompanha e a esperança nos impulsiona. Estamos perdidos, e nessa condição do humano não se trata de buscar a salvação, mas de procurar o desenvolvimento da hominização. O prosseguimento da humanização cederia lugar a um novo nascimento do homem. O primeiro nascimento, o do início da hominização, ocorreu há alguns milhões de anos; o segundo foi proporcionado pela emergência da linguagem e da cultura, provavelmente a partir do *Homo erectus*; o terceiro foi o do *Homo sapiens* e da sociedade arcaica; o quarto foi o nascimento da história, que compreende simultaneamente os nascimentos da agricultura, da criação de gado, da cidade e do Estado. O quinto nascimento possível, mas ainda não provável, seria o da humanidade, que nos faria abandonar a idade de ferro planetária, pertencente à pré-história do espírito humano, que civilizaria a terra e veria o nascimento da sociedade-mundo (MORIN, CIURANA e MOTTA, 2003, p. 99).

O homem caminha na contramão da sua essência por não se conhecer a si mesmo; nesse sentido, Edgar Morin, com o seu Pensamento Complexo, indica-nos que caminhamos na escuridão, na incerteza, e precisamos aprender a lidar com tais características. Uma ideia central na obra do autor é a inexistência das certezas; com isso, torna-se possível caminhar, mesmo que a partir do nada. A esse respeito, Morin, Ciurana e Motta (2003, p. 55) afirmam que “não podemos partir a não ser das entranhas da ignorância, da incerteza e da confusão”. No contexto de um pensamento que configura-se como caminho, travessia, notamos a itinerância do homem pelo conhecimento, inclusive acerca de si próprio; nesse sentido, é necessário assumir tal postura de colocar-se sempre a caminho e seguir, mesmo que diante de um conhecimento frágil e mutilado em busca de um conhecimento mais pleno, mais complexo, em busca de transfiguração.

A transfiguração, se observarmos o fragmento acima, é também algo que está impresso na própria natureza do homem, que é estritamente evolutiva. Pela ordem natural, biológica, todas as espécies de seres vivos estão num constante

estado de evolução. Por meio desse processo biológico, a nossa espécie, bem como as demais espécies, alcançaram graus tão elevados de complexidade.

O Naturalista Charles Darwin, por meio do conceito de seleção natural, demonstrou em suas pesquisas a veracidade da evolução biológica dos seres vivos, que caracteriza, de certo modo, uma luta pela sobrevivência, a qual só é vencida pelos organismos melhor adaptados a determinado meio. Esse é um processo contínuo, pelo qual muitas espécies foram se originando, inclusive o *Homo sapiens sapiens*, que, numa escala evolutiva, descende de diversas outras espécies menos evoluídas do gênero *Homo*. Biologicamente, continuamos evoluindo, mas, em termos de humanidade, muitas vezes, notamos que ocorre o contrário.

De fato, alcançar o mais alto grau do conhecimento é algo extremamente difícil ao homem ao longo de sua existência tão efêmera; penso que, por esse motivo, escreveu Morin que o desenvolvimento não trata, então, de busca pela salvação, mas sim, dos esforços para alcançarmos a hominização. O autor relata que já estamos nesse processo há alguns milhões de anos e o homem prossegue essa escala evolutiva que, se continuada, culminará no surgimento da humanidade, a qual tem sentidos de existência que nos aproximam de virtudes e valores como a compaixão e a solidariedade. A terra, que se pensa civilizada, ainda não o é, visto que caminha no sentido contrário a esses valores inerentes a esse período que Morin denomina de *Era Planetária*.

Morin afirma que o surgimento da humanidade é possível, mas ainda não provável. Pergunto-lhes, professores, qual o motivo dessa improbabilidade especificada pelo autor? Para responder a esse questionamento, basta olharmos para os espaços onde temos humanos constantemente convivendo; olhemos, então, para as nossas escolas: notamos nesses lugares a “idade de ferro” alastrar-se ao invés de regredir. Metaforicamente, as pessoas estão se revestindo a todo o tempo pelo duro metal, e isso complica o desenvolvimento da humanização e favorece a maquinificação do homem. Essa dialogia está constantemente presente em nosso cotidiano. Para exemplificar isso, basta retomarmos o testemunho de Daniel Pennac que relatei a vocês anteriormente.

A partir do Pensamento Complexo de Edgar Morin, compreendemos as conexões que são estabelecidas entre os mais diversos aspectos da vida humana. Para o autor, compreender a vida, a sociedade, o homem e as diversas

nuances que englobam a vida humana requer um esforço constante de reações entre os mais diversos aspectos. Ao longo da história, foi comum a separação dos aspectos subjetivos do homem, como a potência de sua mente, seu poder criativo, em detrimento de uma demasiada importância dada à compreensão dos sistemas naturais.

As ideias propostas por Edgar Morin, principal referência do pensamento complexo, apresentam uma defesa à união de conceitos e pensamentos antagônicos para uma melhor compreensão da complexidade com a qual as coisas foram tecidas. Na obra "*Educar na Era Planetária*" (2003), Morin, Ciurana e Motta escrevem que Complexo é tudo aquilo que é tecido junto, são fios tecidos para formar uma única coisa, e a ideia da Complexidade é a de religar, reatar os fios a fim de compreender o Tecido Complexo com a qual as coisas foram feitas. Nesse sentido, conhecer o homem implica mergulhar profundamente na sua essência de fato complexa, uma imersão que vai além dos tratados científicos, que exige dos sujeitos conhecer aquilo que há de mais profundo em seu ser. É urgentemente necessário trilhar caminhos de ligação entre conceitos que comumente estão separados, não dialogam e até são vistos como antagônicos ou rivais; faz-se necessário unir o natural e o social, o sensível e o inteligível, o racional e o emocional, e, só assim, poderemos formular um retrato mais fiel do homem e não uma quimera repleta de fragmentos que comumente nem dialogam entre si.

O Pensamento Complexo, ao nos propor que todas as coisas inter-relacionam-se formando uma espécie de teia na qual sempre há infinitos pontos de intersecção em que todos os elementos do sistema encontram-se, interpela-nos ao debate acirrado entre as formas outrora convencionadas de se pensar o homem, o conhecimento, a sociedade, a ciência, a cultura, numa perspectiva separatista, reducionista e fria. Tal debate tem o potencial de conduzir-nos à rejeição de toda e qualquer forma de divisão. A grande contribuição do Pensamento Complexo para a pós-modernidade, a meu ver, está centrada no fato de tal teoria conduzir-nos a um princípio integracionista, numa época em que o desafio de ligar os pontos seja, talvez, o mais eminente para a humanidade.

Essa ideia de ligação aplica-se também nas salas de aula. É preciso religar fios como o respeito e o amor nas relações entre alunos e professores. É

preciso religar a construção do conhecimento com o diálogo humano, afetivo entre os indivíduos. É preciso ligar os indivíduos com a sua humanidade, por vezes, perdida em meio a tantas deturpações da natureza humana.

Das ideias de Morin, Ciurana e Motta (2003), vemos que o homem na sociedade pós-moderna, por conviver com a dúvida constante e a incerteza a respeito de si mesmo, precisa, no intuito de reconhecer-se, traçar as linhas que unem os pontos que foram outrora separados, uns por ignorância, outros pelo próprio conhecimento científico. A partir disso, religando o homem mutilado e construído pela ciência como uma espécie de quimera, será possível dar a tal homem uma noção complexa, plena de quem ele é: uma imensa tapeçaria, tecida com um único fio, no qual estão contidas todas as propriedades componentes da humanidade do homem.

Nesse sentido, meus caros professores, a transfiguração do homem passa pela compreensão da dialogia que atua como uma lei à qual a natureza humana está submetida. Ao longo de sua história, o homem arduamente tentou dissociar de sua natureza esse aspecto subjetivo: a afetividade. Tal incursão foi catastrófica. Apoiada em pressupostos científicos, a humanidade caminhava para o abismo da frieza e da dureza metálicas, na tentativa de separar aquilo que é indissociável. Cuidado para que suas práticas em sala de aula não reforcem essa ideia.

Assim, dentre os princípios do Pensamento Complexo, existe um que me chama a atenção, o princípio dialógico, que propõe a associação complexa de realidades antagônicas, mas que, ao mesmo tempo, complementam-se, a exemplo da razão e emoção, conforme Morin, Ciurana e Motta (2003). Para além da dialética Marxista, pautada na tríade tese, antítese e síntese, Morin convida-nos a uma dialógica na qual a síntese não encontra lugar, visto que sintetizar é promover reduções, e o olhar Complexo é um olhar ampliador, cujos horizontes não encontram fronteiras, um olhar que se volta para a multidimensionalidade dos sistemas; nesse sentido, a dialógica Moriniana desponta como um princípio de entrelaçamento, de junção, de promoção de integrações. Ao propor tal princípio, o autor estabelece um rico exemplo por meio da própria taxonomia do homem. Na sua visão:

Não seria possível conceber o nascimento de nosso Universo sem a dialógica da ordem/desordem/organização. Não podemos conceber a complexidade do ser humano sem pensar a dialógica *sapiens/demens*; é preciso superar a visão unidimensional de uma antropologia racionalizadora que pensa no ser humano como um *Homo sapiens sapiens* (MORIN, CIURANA e MOTTA, 2003, p. 36).

Ao propor uma nova taxonomia do gênero *Homo*, denominando-o *Homo sapiens demens*, Edgar Morin pensa a unidualidade do homem e nos indica que o homem não é meramente razão, não é meramente intelecto, não é meramente sabedoria ou conhecimento, mas um misto desses elementos com outros, como paixão, emoção, loucura, instinto. Nesse sentido, o homem faz uso de recursos como o pensamento racional, intelectivo, mas também da curiosidade, da imaginação, dos sonhos, dos amores.

A partir da dialogia Moriniana, podemos perceber a necessidade de os processos formativos favorecerem uma visão plena do homem, sem mutilações ou divisões para um uso mais coerente da afetividade, a qual desponta num sistema social como um potente fator de promoção de uma cultura de relações saudáveis.

Assim, faz-se necessária a promoção de uma cultura do desenvolvimento que possibilite aos indivíduos o alcance de um nível mais superior de conhecimento de si, um conhecimento complexo, dialógico, unidual, para promover o desenvolvimento do homem de modo integral. Se os processos desenvolvimentistas desconsideram tais questões, eles são falhos em si mesmos e não conseguirão atingir o seu fim, daí a afirmativa de que:

É preciso, também, perceber que o desenvolvimento deveria ter como finalidades: viver com compreensão, solidariedade e compaixão. Viver melhor, sem ser explorado, insultado ou desprezado. Isso supõe que, no prosseguimento da hominização, exista necessariamente uma ética do desenvolvimento, sobretudo porque já não há uma promessa e uma certeza absoluta de uma lei do progresso (MORIN, CIURANA e MOTTA, 2003, p. 105).

O fragmento acima é de grande valia para nós, de modo que podemos atrelá-lo ao ambiente educacional a fim de que este seja compreendido e vivido por professores e demais profissionais envolvidos no processo educativo.

Edgar Morin, caros professores, fala muito em termos do desenvolvimento da hominização, porém, na visão do filósofo, tal desenvolvimento não pode prescindir de uma ética. A respeito disso, Morin escreveu um livro, a saber, o último volume (volume 6), do seu *Método*, intitulado Ética. Nesse texto, o autor afirma que a ética pressupõe relações, de modo que

o ato moral é um ato individual de religação; religação com o outro, religação com a comunidade, religação com a sociedade e, no limite, religação com a espécie humana. Assim, existe uma fonte individual da ética, no princípio de inclusão, que inscreve o indivíduo na comunidade (Nós), impulsionando-o à amizade e ao amor, levando-o ao altruísmo e tendo valor de religação. Há, ao mesmo tempo, uma fonte social nas normas e regras que impõe aos indivíduos um comportamento solidário (MORIN, 2011, p. 21-22).

O homem, enquanto um indivíduo biologicamente social, está inscrito no contexto das relações. Hoje, ao final da minha vida, passo todo o tempo recordando a mim mesmo: Sou um homem! Caros professores, recordem-se vocês também a si mesmos, a todo instante essa preciosidade que vocês são. Vocês são homens. Ser homem implica, então, uma ética que, numa perspectiva de transfiguração planetária, insere cada indivíduo num rol de valores que precisam ser praticados e multiplicados na sociedade, como já mencionara Morin. Para ele, existe uma fonte individual da ética, e esta fonte é natural, de modo que é, inclusive, anterior ao homem. Tal fonte está em nós, está em vocês, professores. Cabe a cada indivíduo, ao promover tais ações de altruísmos e solidariedade, permitir que essa fonte corra, jorre como um rio e invada os solos ressequidos dos corações de outros indivíduos que não foram marcados por relações éticas. Não podemos viver como se fôssemos geleiras, isolados dessa fonte natural que jorra dentro de nós. Morin aponta também que, para que a ética inata à nossa natureza desenvolva-se de forma plena, é preciso que rejeitemos o egoísmo, fator este que se faz tão presente em nossa sociedade, em nossas vidas, em nossas salas de aula. Ele desponta como um impedimento à solidariedade, visto que o egoísmo impõe disputas, rivalidades, impõe demonstrações de força, e, como já mencionei anteriormente, as salas de aula ainda estão profundamente marcadas por essas relações. Para romper com o egoísmo e individualismo, a fim de ir ao encontro do outro e fomentar a

transfiguração, cabe a cada professor, a cada pessoa, enfim, a cada um de nós deixar que prevaleça o sentimento de comunidade, que “é e será fonte de responsabilidade e de solidariedade, sendo estas, por seu turno, fontes de ética” (MORIN, 2011, p. 23).

O homem é alvo de reflexões para Edgar Morin. O pensamento complexo, que se insere na realidade que Morin, Ciurana e Motta definem como “Era Planetária”, traz consigo as afirmações do homem enquanto cidadão-planetário. O homem, enquanto cidadão-planetário, é aquele que detém a capacidade de exercitar virtudes como solidariedade, justiça, paz, empatia. Aliás, o sentido de cidadania planetária nessa perspectiva agrega em si o sentido da humanidade inteira como uma única comunidade, a qual é responsável pelo bem comum de todo o sistema.

Na obra escrita por Edgar Morin, juntamente a Emilio-Roger Ciurana e Raúl Domingo Motta, eles abordam que essa “Era Planetária”, em outros termos, a Pós-Modernidade, na qual a humanidade adentrou desde o século XV, é marcada por uma série de características que afetam toda a comunidade global e a impelem a repensar suas práticas nos mais diversos campos; aliás, o sentido de comunidade global só é possível devido à nossa estada nessa era. Tal período, no qual vivemos, é marcado pela planetarização, pelo despertar de uma sociedade-mundo, uma civilização planetária marcada por uma espécie de cidadania cosmopolita (MORIN, CIURANA e MOTTA, 2003).

Ao me debruçar sobre a obra citada no parágrafo anterior, notei que a rapidez da informação, a flexibilização de estruturas outrora extremamente rígidas, o imediatismo, a pluralidade cultural que passou a ser marca da maior parte das comunidades no mundo, o fluxo de pessoas de diferentes lugares e culturas num mesmo espaço-tempo, o sentimento de solidariedade global frente às grandes tragédias que passaram a ter visibilidade mundial, dentre muitos outros fatores, marcam a “Era Planetária”, e, diante de todas essas mudanças, que vêm ocorrendo tão rapidamente, surge uma pergunta: os homens estão formados para lidar com tantas demandas? Nesse sentido, cabe perguntar como os homens têm sido formados? Para que os homens têm sido formados? Assim, a urgência de uma educação que corresponda às demandas da “Era Planetária” fez-se necessária como nunca antes, daí a necessidade de refletirmos acerca de tal processo.

Edgar Morin, em suas obras, também menciona a importância do sentido de liberdade. Em “Os sete saberes necessários à educação do futuro”, do ano de 2000, o autor aponta a liberdade como um dos sentidos da educação da/para a “Era Planetária”. O princípio de autonomia dos cidadãos planetários desponta no pensamento do autor como algo necessário ao bem estar e ao exercício do pensamento dos indivíduos. Tal autonomia/liberdade, embora se reconheça dependente de um sistema, ao ser exercida, retroalimenta o sistema, gera uma rede de retroalimentação na qual os indivíduos, uma vez conscientes de sua liberdade, de sua autonomia, são capazes de utilizá-la em prol de um bem comum. Desse modo, o sentimento de liberdade corrobora para a construção de uma sociedade-planetária, onde os laços de fraternidade e o sentido de comunidade global são marcas.

Para vocês professores, resalto a importância de aprender e ensinar o valor da liberdade. O meu diálogo com o juiz, no julgamento da minha alforria, reforça a importância da liberdade para que haja gozo naquilo que se realiza; esse fato atribui-se plenamente a qualquer homem ou mulher, por isso, minha constante afirmação ao longo desse testamento de que a exploração/dominação do homem pelo próprio homem, os regimes de trabalho maquínico, de produtivismo são profundamente danosos por ferirem o sentimento de estima e prazer. Um homem livre goza livremente, inclusive, do trabalho que realiza, por isso a liberdade é um bem que não pode de modo algum ser alienado, negado ou usurpado, caso contrário, as coisas não têm sentido, são realizadas em meio ao desprazer, por pura obrigação, o que pode acarretar uma cascata de más afecções, comprometedoras da saúde dos indivíduos e, conseqüentemente, da saúde do sistema social no qual esses indivíduos estão inseridos.

Quando discorria sobre a frieza, já mencionei alguns aspectos importantes para a sua superação, elementos para uma transfiguração do homem, para a ruptura da armadura metálica que envolve a muitos homens, a muitos professores no seu exercício profissional. Gostaria, então, de indicar alguns elementos que podem contribuir com a transfiguração pessoal de cada um de vocês professores, a quem, carinhosamente, destinei este testamento.

Um primeiro e primordial ponto vem a ser cuidar de si; cuidar de conhecer a si mesmo; cuidar da própria saúde física, psíquica, emocional, afetiva.

Meus caros professores, a profissão de vocês impõe cuidado com diversos indivíduos, muitos deles em situações de grande dificuldade (o que impõe cuidado mais profundo, solidariedade), entretanto, é impossível cuidar do outro sem cuidar antes de nós mesmos; é impossível conhecer o outro sem antes conhecer a si mesmo; é impossível ajudar o outro sem antes ter a capacidade de se ajudar. Por isso, lhes chamo a atenção para essa necessidade. Embora a auto-ética, a princípio, possa aparecer corroborar o individualismo, ela caminha justamente na via contrária, por nos proporcionar, uma vez olhando bem para nós mesmos, olhar bem para o outro, uma vez pensando bem sobre si mesmo, pensar bem sobre o outro. Assim, faz-se urgentemente necessário para vocês, professores, esse olhar mais cuidadoso sobre si, sobre a própria vida.

Outro fator que pode contribuir com a transfiguração de vocês é buscar momentos de reflexão pessoal, de introspecção, nos quais a atenção selvagem em que vocês se encontram a todo o tempo dê lugar à experiência da vida contemplativa, outrora apontada por Byung-Chul Han. Sobre esse aspecto, o filósofo destaca que a preocupação por sobreviver deve dar lugar à preocupação por viver bem. Para tanto, uma via segura é a vida contemplativa, a qual, segundo Han, “está ligada com aquela experiência de ser, segundo a qual o belo e o perfeito é imutável e imperecível e se retrai a todo e qualquer lançar mão humano”. Quantas vezes negligenciamos o nosso olhar ao nos privarmos de buscar enxergar o que é belo; a beleza é necessária à vida. Portanto, caros professores, mesmo em meio aos ritmos acelerados da vida profissional e às vicissitudes do tempo presente, parem um pouco, deem-se um tempo para contemplar o que é belo, para contemplar a vida, para contemplar os amores, para uma reflexão profunda, para a meditação, para praticar o amor, o altruísmo. Permitam às suas vidas momentos de doçura, de paz, de busca por equilíbrio, isso é importante, faz diferença. O filósofo cita, por exemplo, a dança como um mecanismo de fuga do estado de desempenho. (HAN, 2015, p. 35).

É preciso romper com o pressuposto do desempenho, da atividade, para, em determinados momentos, desligar-se, recolher-se em si mesmo, buscar atividades distintas das obrigações cotidianas, repousar. A esse respeito, afirma Han, baseando-se em Nietzsche:

Por falta de repouso, nossa civilização caminha para uma nova barbárie. Em nenhuma outra época os ativos, isto é, os inquietos, valeram tanto. Assim, pertence às correções necessárias a serem tomadas quanto ao caráter da humanidade fortalecer em grande medida o elemento contemplativo (HAN, 2015, p. 37).

Tendo explicitado a importância do pensamento contemplativo, penso então na necessidade de valorizar as diversas expressões culturais e artísticas em seu poder regenerador ante o espírito humano. Contemplar e exercitar as artes certamente têm o poder de contribuir para o equilíbrio humano, para a transfiguração do homem. As diversas linguagens artísticas certamente contribuem para o nosso bem estar. A arte é de tal modo importante que Morin (2011) propõe-na como um elemento de religação, como elemento que possibilita ao espírito humano interagir com os diversos saberes, incluindo o saber viver. Antes de ser conhecido pelas minhas notáveis capacidades para a produção científica, fui notado e reconhecido pela minha habilidade artística; recordo-me de quando preparei na madeira um brinquedo de presente para a menininha, essa foi a minha primeira obra, e foi ela que me possibilitou ser reconhecido pelos humanos, primeiramente a família Martin, como um autômato doméstico distinto dos demais. Pela arte, ao longo da minha vida, proporcionei-me diversos momentos de encontro comigo mesmo, com a minha essência, momentos de introspecção e reflexão; proponho a vocês que também se deem momentos assim, especialmente junto àqueles que vocês amam.

Por fim, destaco a urgência do amor. Para tanto, recorro novamente a Edgar Morin, quando este nos ajuda a pensar que o amor emanado nas relações tem a potência capaz de conduzir à ascensão. Todos temos a necessidade de nos sentirmos amados, acolhidos, queridos por alguém. Pensem nos seus alunos como pessoas carentes de afetos, de amor e deem também um pouco disso a eles. O amor não pode sumir das escolas, se isso acontecer, ela então passará a ser simplesmente um espaço de problemas. Portanto, cabe a nós a escolha e a árdua tarefa de transfigurar a nossa vida numa existência ética, de amor, ou deixá-la atrofiar-se, atolada na intolerância, na desigualdade, nos problemas. Dito isso, encerro esta sessão com a afirmação de que:

Onde não há amor, não há mais do que problemas de carreira, de dinheiro para o docente, e de aborrecimento para o aluno. A

missão supõe, evidentemente, fé na cultura e fé nas possibilidades do espírito humano. A missão é, portanto, elevada e difícil, porque supõe, simultaneamente, arte, fé e amor (MORIN, CIURANA e MOTTA, 2003, p. 99).

Nesse sentido, movidos pelo amor, somos impelidos a uma grande responsabilidade, conosco, com os outros, com a humanidade, e vocês professores, enquanto arautos dessa nova civilização, da humanidade planetária, são convidados a abrir as portas dessa civilização e anunciar à humanidade congelada pela frieza que se aproxima um verão cujo calor há de aquecer os corações daqueles que ousarem buscar essa ascensão.

Meus caros professores, antes de partir definitivamente, gostaria ainda de deixar a vocês uma mensagem: vocês têm uma grande responsabilidade, a responsabilidade de abrir caminhos ao conhecimento.

O homem, que, por não se conhecer bem, caminha na contramão da sua essência, tem no conhecimento a chave para reverter tal cenário.

Estamos, de certo modo, perdidos nas incertezas de um tempo de grandes instabilidades e rápidas mudanças, tempo fluido e acelerado no qual informações jorram como as águas das cataratas, contudo o conhecimento precisa encontrar em meio a essa corrente uma via pela qual possa fluir, e vocês têm a grande missão de mediar esse processo.

Há um longo caminho a se percorrer, caminho este que não se encontra totalmente construído. Vocês precisam estar atentos e preparados para os desafios. Ainda precisam ser construídas muitas pontes, muitos abismos precisam ser transpostos, e não há uma fórmula mágica e universal para isso, porém há algumas pistas que podem facilmente ser seguidas para melhor educar nesses nossos tempos. Nesse sentido, presenteia-se o poeta ao dizer...

*[...] Que a arte nos aponte uma resposta, mesmo que ela mesma não saiba.
E que ninguém a tente complicar, porque é preciso simplicidade pra fazê-la florescer.
Porque metade de mim é plateia, a outra metade é canção.
E que a minha loucura seja perdoada, pois metade de mim é amor e a outra metade também... (MONTENEGRO, Oswaldo; 2004)*

A arte inspira-nos nesse caminho de transfiguração, para o qual o amor é crucial, sem ele, é impossível fazer florescer os campos que a frieza destruiu.

Os autores Morin, Ciurana e Motta abordam em sua obra alguns elementos fundamentais de uma “*Educação Para a Era Planetária*”; tal processo deve estar pautado em princípios como autonomia, responsabilidade, criatividade, criticidade. Tal educação deve “fortalecer as condições de possibilidade de emergência de uma sociedade-mundo, composta por cidadãos protagonistas, conscientes e criticamente comprometidos com a construção de uma civilização planetária”, marcada por fortes laços de fraternidade, em que os homens reconheçam-se como partes de uma imensa teia; esse é o sentido mais pleno de planetarização (MORIN, CIURANA e MOTTA, 2003, p. 98).

Para que tal educação ocorra, faz-se necessário que existam educadores comprometidos com essa causa; educadores que, de acordo com Morin, Ciurana e Motta, são minoria no mundo, mas que estão “animados pela fé na necessidade de reformar o pensamento e em regenerar o ensino”; desse modo, são os que aprenderam o sentido mais pleno de sua missão (MORIN, CIURANA e MOTTA, 2003, p. 98).

Penso, no atual curso da minha vida, que promover a *Reforma do Pensamento* é a maior urgência da sociedade atual e a educação pode e deve contribuir com esse processo. A ideia de um pensamento reformado tem Edgar Morin como autor e principal referência.

Para esse pensador, a *Reforma do Pensamento* significa a superação de um pensamento redutor a um pensamento complexo; romper com um pensamento que separa, em prol da promoção de um conhecimento que integre elementos, mesmo que estes sejam considerados distintos. Nesse sentido, ele afirma que “é preciso substituir um pensamento que isola e separa por um pensamento que distingue e une. É preciso substituir um pensamento disjuntivo e redutor por um pensamento do complexo, no sentido originário do termo *complexus*: o que é tecido junto” (MORIN, 2003, p. 89).

Contudo, caros professores, vocês podem pensar que esse processo é impossível de ser realizado, que não tem bases sobre as quais possa se assentar, e, a esse respeito, Morin também nos dá a resposta. Para ele, a reforma não parte do nada, mas encontra seus alicerces na filosofia, na literatura e na cultura das humanidades, das quais transvasa para a ciência. Entretanto, a ciência, ainda marcada por uma visão mutilada, racionalista, técnica, tem a sua visão atrofiada, de modo que não consiga, muitas vezes, enxergar o *complexo*.

Conforme o próprio Edgar Morin, uma ciência fria e reduzida simplesmente ao que é quantificável “condena todo conceito que não seja traduzido por uma medida”, e tal fato tem comprometido a possibilidade de reformas (MORIN, 2003, p. 88).

O ensino, o qual ainda é majoritariamente atrelado ao conhecimento científico e pautado na visão das ciências duras (matemática, física, biologia, química), manifesta constantemente a sua grande inserção no campo daquilo que é quantificável, observável, testável e, comumente, afasta-se do belo, do místico; nesse sentido, a condução de qualquer caminho de reforma fica atada aos protocolos e paradigmas de uma ciência mecânica, que maquinifica e que, muitas vezes, desumaniza. Deixo aqui a minha crítica a esse modelo de ciência e o meu apelo a vocês professores, especialmente os que se inserem no âmbito das já mencionadas ciências duras, para que rompam com essa visão.

A grande responsabilidade nossa na sociedade atual, o que implica uma missão especial para os professores, é conduzir a um nível de conhecimento mais adequado, fazer com que os indivíduos apaixonem-se pelo saber, reflitam sempre, almejem o conhecimento adequado das coisas.

Por ter desenvolvido a proteseologia, atuei por muito tempo em pesquisas, trabalhei exaustivamente no âmbito da produção científica, especificamente no campo das ciências duras e percebi o quanto esse espaço é desumanizado, bem como o quanto esse conhecimento ainda é desumanizado e pode ser desumanizador.

Percebo que ciência e educação caminham juntas. As práticas de ensino estão atreladas às práticas científicas, de modo que uma retroalimenta a outra. Contudo, a educação que bebe do conhecimento científico é também influenciada por este no que tange aos comportamentos e atitudes, de modo que professores, especialmente os das disciplinas ligadas aos campos das ciências naturais, experimentais e exatas, trazem para o espaço de sala de aula a dureza e rigidez, muitas vezes, atribuídas a essas ciências. Isso traz sérios danos.

Essa ciência, ao longo dos anos, distanciou dois aspectos importantes da humanidade: os biológicos dos subjetivos, e, para ter o pensamento reformado, eles precisam ser reunidos, precisam ser associados, numa perspectiva complexa.

A capacidade de pensar é uma das mais incríveis características do homem; o homem foi capaz de pensar uma ciência profundamente completa e capaz de grandes feitos, foi capaz de repensá-la, refazê-la, reordená-la, a fim de que fosse condizente com a capacidade do homem de ser humano; mentes brilhantes foram capazes de repensar a ciência sobre as firmes bases de um conhecimento humano profundo.

O conhecimento abre as portas à vida, liberta-nos das prisões nas quais estamos cerrados, das ataduras que nos prendem, das cegueiras que nos assolam. Entretanto, essa visão de ciência ainda precisa ser muito difundida tanto no campo científico como no educacional, visto que ainda perduram visões distintas dessa, de modo que se deve à Ciência grande parte da desumanização na qual o homem está imerso. Posso afirmar certamente que essa desumanização tem bases científicas e está apoiada num pensamento racionalista que mutilou o homem. Urge problematizar as ciências e seu ensino, os quais precisam de reformas e que são diretamente afetados pelo pensamento hegemônico mecânico, empirista, lógico, técnico, a fim de que essas direcionem o seu olhar para uma ciência que humanize; uma ciência na qual natureza, cultura, homem, sociedade, razão, emoção caminhem juntos, mesmo sendo conceitos que duelam entre si; uma ciência que possibilite o diálogo entre as diversas áreas e não o distanciamento entre elas, e, assim, culminaremos na plenificação do homem outrora mutilado, entendido como uma quimera.

O conhecimento dos antigos filósofos, muito repleto das subjetividades, dos interesses, das curiosidades que moviam as sociedades nas quais viveram contribuiu largamente para o desenvolvimento da Ciência tal qual nós a conhecemos.

Pautado no pensamento de Edgar Morin, um dos autores aos quais me dediquei a ler, aprendi que a era moderna marca o desenvolvimento, a consolidação e a demarcação do conhecimento científico. A ciência passa a assumir um papel essencial na sociedade na busca por respostas e soluções aos problemas do mundo; no entanto, essa ciência pensada para ocupar o status de deusa transmutou-se numa doutrina deveras ortodoxa, com suas liturgias e rituais que deveriam ser fielmente seguidos pelos adeptos da doutrina científica. Marcada pelo pragmatismo, essa ciência é altamente especializada e vem ramificando-se cada vez mais, septando-se, isolando as áreas do conhecimento,

e, conseqüentemente, cada um dos sujeitos, marcados pela capacidade cada vez mais limitada de diálogo com outros conhecimentos cerram-se em sua 'caixa' e ali permanecem.

A deusa da modernidade, com suas rigorosas liturgias, tem corroborado para a desumanização do homem e para a ampliação dos antagonismos entre os elementos objetivos e subjetivos que compõem e/ou circundam o homem. Ao fazer isso, a Ciência, que, mesmo tendo assumido o *status* de deusa, não deixa de ser uma criatura feita pelas mãos do homem, passa a revoltar-se contra o seu criador, a causar-lhe danos, a expô-lo a perigos.

Nesse sentido, ao falar aqui em ciência, devo explicitar que não falo de uma ciência de verdades absolutas, mas de possibilidades eternas. Ressalto a necessidade de uma ciência capaz de romper os abismos e religar os saberes.

Ao falar sobre isso, recorro à explanação de Charles Snow, ao defender a necessidade de religar cultura científica e cultura humanística.

Snow afirma que essa ciência, despida de humanidade e pautada exclusivamente nos seus rígidos protocolos, em busca de métodos cada vez mais exatos, que preconizam o observável e o quantificável, serviu para a criação de um imenso abismo entre o conhecimento científico e o conhecimento humano, social, artístico, literário; logo, serviu à ruptura entre cientistas e literatos, entre a ciência e a cultura humanística e aos conhecimentos das humanidades.

Charles Pierce Snow, em seu livro intitulado *As duas culturas e uma segunda leitura*, publicado em 2015, põe às claras a separação notada entre o que ele classifica como duas culturas duais entre si: as culturas científica e literária. Na abordagem do autor, percebemos como historicamente uma sobrepôs-se à outra com base no desmerecimento da cultura literária em detrimento da científica, o que criou um abismo quase que intransponível entre ambas.

A brilhante explanação de Snow faz-nos pensar em como as pretensas objetividade e neutralidade científicas propostas pelos métodos consagrados pelo positivismo fizeram imergir uma cultura científica de linguagem fechada e de difícil acesso até mesmo para muitos "cientistas" e o quão cruel é essa histórica dualidade. A defesa e prática de uma ciência inflexível fazem imergir

uma ciência que não dialoga com os seus sujeitos, pobre de relações (SNOW, 2015).

Assim, seguindo as pistas que esse autor apresenta-nos e também os brilhantes exemplos vindos de diversas áreas do conhecimento, precisamos pensar em novas perspectivas, novas possibilidades de reaproximação dessas duas culturas ou, ao menos, de redução do abismo existente entre elas.

Religar as duas culturas é imprescindível para o ensino, caros professores, visto que essa ciência rigorosa, distante das culturas humanas, compreende um conhecimento sem sabor, sem sentido para os alunos e, muitas vezes, para vocês mesmos, queridos professores.

Nesse sentido, penso ser pertinente que os professores, de modo especial os que lecionam os saberes relativos às ciências, caminhem na contramão desse pensamento mecanicista, de modo que se distanciem da concepção de ciência enquanto doutrina do conhecimento e passem a enxergá-la e ensiná-la como um conjunto de possibilidades para decifarmos os diversos códigos para a leitura do mundo.

É preciso injetar sabor a esse conhecimento que tanto se distanciou dos sujeitos, dos homens. Às vezes, não por culpa de vocês, mas por culpa da forma como a produção do conhecimento foi conduzida, as aulas conduzem a uma compreensão da ciência, do conhecimento, como algo distante e intocável, como um ente que parece ser não humano, ou que parece não ser feito por homens. É preciso ensinar que a ciência é uma construção do homem, no tempo, no espaço, na sociedade, que ela está marcada pelos interesses, pelos conflitos humanos, pelas necessidades das sociedades, pelas culturas dos diversos povos e, principalmente, que todo homem pode fazer ciência, pode contribuir com a produção dos diversos saberes.

É preciso ensinar ciência com essência, com sabor, coisa que essa visão racionalista retirou do conhecimento científico. A esse respeito, recordo-me de um outro texto que li e que narra a história de um professor. O texto denominado *Chocolatologia* é de autoria do bioquímico Leopoldo de Meis e abre as discussões implementadas por ele sobre *Ciência, Educação e o Conflito Humano-Tecnológico*.

A história contada por Meis é protagonizada por um professor viajante, apaixonado por chocolate desde a sua mocidade, e que chega a uma terra

distante onde não há chocolate e as pessoas sequer tinham ouvido falar sobre esse doce. O professor, movido pela sua paixão pelo chocolate, é tentado a falar sobre ele com os seus alunos, e a diretora descobre que, no país daquele homem, mais desenvolvido do que o seu, todas as crianças conhecem bem o chocolate, daí, decide montar na escola um curso de chocolaterologia para as crianças, a ser ministrado pelo professor transeunte.

Mediado pela diretora, montam um programa, com objetivos, metas, temas, conteúdos, competências e habilidades a serem desenvolvidas no curso. Dentre os conteúdos, ganhavam destaque o histórico do chocolate, o seu valor comercial e nutritivo, a importância das culturas asteca e maia...

Embora muito bem preparado, o curso tem uma falha que muito angustia o professor: aquelas crianças não sabem o sabor do chocolate. Daí o professor recorda-se de que, em sua terra, onde não existem cursos de chocolaterologia, as crianças que gostam muito do doce aprendem no cotidiano coisas como

[...] seu sabor é gostoso. Daí vêm as informações secundárias como que convém saber, tais como que em excesso dá dor de barriga; os adolescentes que se cuidem por conta das perebas; que pode ser comprado nas padarias para consumo rápido, ou em confeitarias elegantes, se for para presente especial (os bombons de cereja com licor); e, finalmente, que é a recompensa suprema para o primeiro dia após o término da dieta. (MEIS, 2002, p. 14).

Para além de conhecerem bem essas características do chocolate, poucos são, na terra do professor, os que conhecem o valor nutritivo e comercial do produto, entretanto todos sabem que é algo gostoso, e, para as crianças daquela terra, bastaria morder um pedaço de chocolate, e elas saberiam do que falava o professor.

Leopoldo de Meis distingue assim duas culturas, a dos que “não fazem nem comem o chocolate, mas sabem tudo sobre chocolaterologia” e a dos que “fazem e comem chocolate, mas não sabem nada sobre chocolaterologia”, e afirma que essas culturas podem conviver no mesmo país, na mesma cidade, no mesmo bairro e, eu acrescento, na mesma escola, na mesma sala de aula (MEIS, 2002, p. 14).

Aquilo que o autor afirmou sobre o chocolate aplica-se também ao conhecimento. Contudo, é preciso caminhar sempre na justa medida das coisas.

Não se trata aqui de excluir o ensino dos conteúdos das ciências. Não se trata de desvalorizar todo o conhecimento que já foi produzido pela humanidade até então, pelo contrário, trata-se de dar sabor a esse conhecimento, de ensinar a chocolataria, porém, buscando conduzir à compreensão de que a essência do chocolate é o seu sabor. Desse modo, quão produtivo seria na terra distante da história uma oficina de produção de chocolate para aqueles alunos?

No caso do conhecimento, trata-se então de torná-lo saboroso, compreensível, tangível; trata-se de mostrar ao aluno que o conhecimento é palpável e que é saboroso, que vale a pena investir na busca por ele, viajar pelas suas veredas, pelos seus campos e bosques floridos. Ensinar que a vida é um grande laboratório que o mundo também o é e que nele todos nós somos cientistas, que podemos a todo tempo enveredar pelos seus saberes, pelos seus mistérios, como que numa caça ao tesouro.

Meis (2002), em seu trabalho, aponta para os perigos da superespecialização científica e do excesso de informações no ensino que tornam o ensino memorístico e atrofiam a aprendizagem. Essa enxurrada de informações que correm diariamente pelas salas de aula, muitas vezes, impossibilita ao professor um trabalho mais amplo, mais complexo e mais humano, em vista do curto prazo que existe para a ministração e todo o conteúdo programático. Nesse sentido, os currículos precisam de maior flexibilidade, o sistema de ensino também precisa passar por reformas a fim de que as disciplinas não sejam meramente cursos de chocolataria, sem sabor de chocolate.

Diante de tudo isso, qual a responsabilidade do ensino e dos professores nessa perspectiva?

Penso que a grande responsabilidade é fazer pensar, conduzir à ascensão; introduzir a reforma do pensamento, incentivar a busca pelas beatitudes da mente e, por fim, a promoção da sociedade planetária.

Para ilustrar essa responsabilidade, recorro a uma figura metafórica: os arranjos de uma orquestra.

Nesse contexto, a prática pedagógica desponta como uma ação eminentemente polifônica, na qual múltiplos elementos compõem o conjunto orquestrado; como numa orquestra, nas salas de aula, são múltiplas as notas

musicais, são múltiplos os tons, os tempos, as escalas sonoras e a harmonia desses variados elementos são o que compõe a beleza do conjunto.

Nesse espaço plural, o professor, no momento da sua aula, tal e qual o maestro no momento do concerto, é o responsável por conhecer os elementos componentes da harmonia dos sons e os conduzi de modo que todos os elementos sejam precisamente executados, todos os preceitos sejam observados a fim de que, ao final, a plateia possa se encantar com a beleza do espetáculo.

Por certo, assim como nos espetáculos, nem sempre tudo acontece como planejado; na orquestra educacional, também procede da mesma maneira; de certo modo, pela amplitude da pluralidade contida numa sala de aula, torna-se deveras complicado manter a harmonia plena de todas as notas musicais com as quais esse acorde é composto, no entanto é nossa responsabilidade, exercitando a maestria, conhecer as nuances da música que regemos e torná-la também conhecida por cada um dos componentes da orquestra na busca de manter a harmonia e a beleza do concerto.

Sim, as aulas precisam ser tanto harmônicas quanto belas; não se deve abrir mão do conhecimento, afinal, é ele que nos move; contudo, para assegurar beleza e harmonia nesse espaço, torna-se necessário, a priori, considerar sua complexidade, a multiplicidade das dinâmicas do espaço escolar e conceber as aulas, não numa perspectiva extremamente pragmática, rígida, dura, por um viés unicamente cientificista.

Cabe, portanto, pensar que, como a orquestra é admirada pela beleza dos vários sons dos quais é composta, a sala de aula é também bela pela variedade de elementos que a constituem, de modo que ao professor cabe utilizar-se do seu saber pedagógico para orquestrar esses elementos, asseverando a harmonia desses, proporcionando aos estudantes um espaço de sala de aula onde a ciência dialogue com a fé, onde o sensível dialogue com o inteligível, o físico dialogue com o metafísico, o racional dialogue com o emocional e, assim, as dicotomias sejam superadas e a pluralidade do espaço educativo, ao invés de promover rupturas, promova diálogo, promova encontros, promova a tão esperada *Reforma do Pensamento*.

Essa responsabilidade pressupõe um princípio ético.

O filósofo Edgar Morin, ao discutir sobre isso, distinguiu alguns pontos de uma ética para a civilização planetária, dentre os quais destaco a *Auto-ética* e a *Antropoética*. A primeira constitui uma cultura psíquica para superar a barbárie interior de cada indivíduo. A segunda diz respeito ao meu olhar sobre o humano, sobre mim e sobre o outro, apoiado na *auto-ética* (MORIN, 2011).

A *auto-ética*, para Morin, é

[...] uma ética de si para si que desemboca naturalmente numa ética para o outro. Ela exige, ao mesmo tempo, “trabalhar pelo pensar bem” e “pelo pensar-se bem”: a integração do observador na sua observação, o retorno sobre si mesmo para se objetivar, compreender-se e corrigir-se, o que constitui, simultaneamente, um princípio de pensamento e uma necessidade de ética (MORIN, 2011, p. 93).

Caros professores, essas afirmativas de Morin desembocam nas práticas de vocês, bem como em suas vidas, e devem impelir vocês à busca por serem melhores, tanto com os outros quanto consigo mesmos. Nesse sentido, a responsabilidade ética dos indivíduos na *Era Planetária* é justamente essa busca interior constante que emana do íntimo de nós para as nossas relações com os outros.

Esse quadro de *auto-ética*, comporta uma ética de relações. O filósofo sintetiza-a em quatro pontos:

1. Uma ética de si para si que comporta autoanálise, autocrítica, honra, tolerância, prática da recursão ética, luta contra a moralina, resistência à lei de talião e ao sacrifício do outro, tomada de responsabilidade; 2. Uma ética da compreensão, com a consciência da complexidade e dos desvios humanos, com a abertura à magnanimidade e ao perdão; 3. Uma ética da cordialidade (com cortesia, civilidade); 4. Uma ética da amizade (MORIN, 2011, p. 93).

Tais aspectos são de extrema relevância para o contexto educacional atual e para a prática dos professores. Num primeiro momento, tal prática ética comporta um olhar sobre si mesmo, por meio da autoanálise, autocrítica e a recursão ética (caracterizada por Morin como a avaliação das próprias avaliações, o julgamento dos próprios julgamentos, a crítica da própria crítica). Num segundo momento, a *auto-ética* insere-se no campo das relações humanas, como a honra e a prática da tolerância, da rejeição à moralina

(julgamento e condenação por meio de critérios exteriores ou superficiais de moralidade; a desqualificação do outro pela via de uma moral rasa e desumana); por meio desses valores, rejeita-se também à lei de talião, do “olho por olho” e “dente por dente”.

Morin (2011) fala também da tomada de responsabilidade, sob o viés de uma *Ética de Responsabilidade e das virtudes*, que deve nortear as nossas relações humanas, o que inclui a relação entre os indivíduos que convivem cotidianamente nas escolas. Tal ética centra-se na ideia contida nos pontos 2, 3 e 4 destacados pelo autor, para os quais quero chamar a atenção.

Primeiramente, um princípio de ética das relações humanas, na perspectiva de Morin (2011), insere-se na perspectiva de:

a) *Uma ética da compreensão, com a consciência da complexidade e dos desvios humanos, com a abertura à magnanimidade e ao perdão:*

Tais ideias são de extrema importância no âmbito das nossas relações, visto que somos imperfeitos, e, por certo, a pior das características inerentes às nossas relações é o fato de que, para que elas aconteçam, precisamos lidar com o outro, inclusive, com os seus desvios e perversões. Nesse sentido, o presente princípio insere-nos na ótica da tolerância, do perdão. Meus caros professores, vocês precisam exercitar-se e muito nesse sentido, as salas de aula não estão isentas das mazelas daqueles que as frequentam. É preciso exercitar e ensinar o valor da compreensão.

b) *Uma ética da cordialidade (com cortesia, civilidade):*

Tal princípio deve ser um exercício constante que se observa em pequenas ações. Nesse sentido, afirma Morin (2011, p. 105) que

As saudações “bom dia”, “boa noite”, apertos de mão, abraços, beijos e fórmulas de cortesia têm uma virtude civilizadora e corretamente designada civilidade. Como indicamos, tendem a esvaziar a hostilidade potencial do outro, a suscitar a sua benevolência pela demonstração de nosso apreço. Manifestam o nosso respeito e o nosso interesse por uma pessoa. Tecem uma malha de cordialidade.

É de extrema importância que tais comportamentos não sumam do nosso cotidiano. Eles são um sinal de nossa resistência à desumanização, à ausência do sentimento de lida com seres humanos. São também o nosso reconhecimento do outro enquanto um semelhante, um parceiro, um amigo. Fazem a diferença

nas relações. Ajudam a suavizar a dureza dos ambientes, são capazes de quebrar a frieza.

c) *Uma ética da amizade*

Sobre esse princípio, Morin afirma que

A amizade não é somente uma relação afetiva de apego, de cumplicidade; a verdadeira amizade estabelece um vínculo ético de fraternidade quase sagrado entre amigos. A amizade parte de afinidades subjetivas ou chega a elas, transpolíticas, transclassistas, transéticas e transraciais como o amor. O caráter sagrado da verdadeira amizade dá-lhe prioridade sobre os interesses, as relações e a ideologia. A qualidade da pessoa importa mais do que a qualidade das suas ideias ou opiniões (MORIN, 2011, p. 107).

Ancorados nesse princípio, percebemos a primazia do amor nas relações; o amor que rompe barreiras, cria laços, estabelece pontes onde as convenções comumente as derrubaram; o amor que nos ensina a transpor as barreiras de ordem política, de classe, gênero, etnia, religião, dentre as tantas outras classificações que nos separam. Por meio do amor, com base nesse princípio de amizade, é possível transpor os limites das relações professor-aluno, comumente de superioridade; é possível romper com as marginalidades impostas pelo sistema social, romper com os preconceitos, romper com a exclusão. Tal princípio torna as relações espaços de comunhão, de negação a toda e qualquer forma de exclusão; nesse sentido, essa é uma ética de liberdade e compreensão, é também uma ética do amor, uma ética da religião tão urgente e necessária em nossos dias marcados por divisões e discursos de ódio.

Já a *antropoética* que Morin anuncia em sua obra desponta de modo mais amplo do que a *auto-ética* no contexto da nossa relação planetária. Ela desponta como uma ética planetária de humanismo, de solidariedade, de senso de formação de uma comunidade global de humanos que povoam o mesmo planeta. Ela é um elemento que liga a ética singular, do sujeito, à ética global, planetária. Para bem exercitá-la, Morin aponta alguns comportamentos necessários:

- assumir a dialógica egocêntrica/altruísta do indivíduo-sujeito fortalecendo a parte subdesenvolvida de altruísmo e abrindo-se à compreensão;

- assumir a indissolubilidade e a superação mútua de *sapiens/demens*, ou seja, salvaguardar sempre a racionalidade no ardor da paixão, a paixão no coração da racionalidade, a sabedoria na loucura;
- assumir uma relação dialógica entre nossa razão e nossos mitos, nossa razão e nossas paixões;
- civilizar nossa relação com ideias mestras, que permanecem monstros possessivos, autoritários, violentos;
- viver tanto quanto for possível de amor e de poesia num mundo prosaico;
- reconhecer no outro, ao mesmo tempo, a diferença e a identidade;
- manter contra ventos e marés a consciência que nos permite simultaneamente a autocrítica, a crítica e a compreensão;
- ligar em nosso espírito os segredos da infância (curiosidade, surpresa), os segredos da adolescência (aspiração a outra vida), os segredos da maturidade (responsabilidade), os segredos da velhice (experiência, serenidade);
- viver, pensar, agir conforme a máxima “o que não se regenera, degenera”;
- saber que não existe piloto automático em ética, a qual sempre enfrentará escolha e aposta e sempre necessitará de uma estratégia.

Tais comportamentos implicam a nossa escolha cotidiana por exercitarmos as virtudes que promovem a civilização do mundo e fazem nascer a planetarização consciente e responsável de cada indivíduo, para com cada indivíduo. O exercício cotidiano de tal responsabilidade é, sem dúvida, uma prática de transfiguração. Sobre essa transfiguração e tomando por base as experiências que vivi, destaco alguns passos que devem ser dados, sintetizando-os nos sete pontos que se seguem.

#Reconhecer os seus momentos de dureza, de frieza#

Esse passo é importante, visto que ninguém pode caminhar rumo a algo se não julga que necessita caminhar. Antes de romper com a dureza, é preciso reconhecer ser duro. Vale nesse sentido que você, professor, reflita constantemente sobre a sua prática, observe em quais momentos você utilizou de rigidez sendo que poderia ter sido mais suave. Observe quando você poderia, ou até deveria, ter sido compreensivo com um ou outro aluno e não o foi; quando poderia ter sido mais afetuoso e não o foi. Observe quando a sua prática deu-se puramente pelo viés mecanicista, conteudista, desvinculada da vida, do cotidiano, do desenvolvimento da humanização e, ao pensar sobre essas coisas, note que tudo isso pode ser alterado, basta apenas uma opção pessoal sua.

Outro aspecto que penso caber nessa reflexão é: observe quando você tem utilizado de dureza para consigo mesmo. É impossível ser mais maleável com os outros sem sê-lo antes com você.

#Conhecer a si mesmo, a própria essência#

Marcado pela máxima grega *Homo, nosce te ipsum*, tenho percebido a importância urgente de conhecer o homem de forma plena, sem mutilações, a fim de que construamos um caminho de vida e ascese que possibilite melhorias a todas as pessoas, e tenho consciência de que tal caminho só é possível por meio da educação. Mas como podemos construir esse caminho? Tal máxima é inscrita na entrada do templo de Delfos, que traduzida corresponde a “homem, conhece-te a ti mesmo”, eternizada no seu uso por muitos filósofos e pensadores como Platão, Sócrates e até por pesquisadores como Lineu; impregnada no pensamento religioso de diversas culturas, desde culturas gregas antigas a culturas religiosas ocidentais modernas; embora muito difundida no pensamento humano, parece que ainda não foi plenamente compreendida, ao passo que ainda é muito pouco praticada.

Nesse ponto, recordo-lhes a importância dos níveis de conhecimento propostos pelo filósofo Spinoza. Para ele, o conhecimento, a potência da razão, é algo característico do homem. Para o filósofo, o homem possui uma natureza perfeita, pois deriva da divina na qual não se encontram imperfeições; contudo, em relação à natureza do homem, por ter ideias confusas e mutiladas das coisas, esta comumente cerca-se de erros. O homem Spinoziano, como já mencionei anteriormente, é um ente pensante, cuja mente possui uma enorme potência; tal homem agrega também a capacidade de sentir, de receber e dar estímulos por meio dos afetos, das afecções do corpo (SPINOZA, 2016).

O conhecimento liberta o homem, já anunciara Spinoza, contudo o homem conhece-se ainda muito pouco. A transfiguração depende do conhecimento. Nesse sentido, recomendo a vocês professores que adentrem no mais profundo de si, nas entranhas da sua natureza, busquem conhecer-se não meramente do ponto de vista teórico, mas também do ponto de vista sensível. O conhecimento intuitivo só se instala a partir dessa ideia.

#Reconhecer a sua essência perfeita#

Retomo um princípio Spinoziano para ressaltar que somos dotados de uma essência perfeita, e reconhecer isso é um passo importante para a nossa ascensão às virtudes. A grandeza desse reconhecimento centra-se no fato de que nos conscientiza de que não precisamos fazer coisas extraordinárias para alcançar a beatitude, ela já é uma característica impressa em nossa natureza. Portanto, não há desculpas para não ingressar nesse caminho de transfiguração. Os erros, a dureza, a frieza, ao contrário, são perversões da nossa ordem natural, cabe então a nós buscar aquilo que é próprio do nosso ser e ousar viver essas características contrapondo-se a um mundo cada vez mais rígido e frio.

Cito Spinoza, nesse contexto, para que vocês, professores, entendam que o homem tem o potencial de realizar retamente muitas coisas, visto que carrega as virtudes como sua própria essência ou natureza. Nesse sentido, o filósofo afirma: “a virtude, enquanto referida ao homem, é sua própria essência ou natureza, à medida que ele tem o poder de realizar coisas que podem ser compreendidas exclusivamente pelas leis de sua natureza.” (SPINOZA, 2016, p. 269).

As salas de aula despontam como um espaço favorável para a vivência dessa busca pelo aperfeiçoamento constante, visto que, nesse ambiente, vocês, professores, precisam lidar constantemente com as mazelas de outras pessoas e, muitas vezes, com as próprias.

#Externar sempre as virtudes que estão internalizadas em nossa natureza#

Ao reconhecer a perfeição da nossa própria natureza, precisamos, então, passar a observar as nossas qualidades, as nossas virtudes, as nossas beatitudes e externá-las. Afinal, de nada adianta possuir qualidades incríveis, reconhecê-las e não exercitá-las. Nesse sentido, faz-se necessária a busca constante pelos valores, por uma ética do desenvolvimento que nos insira na perspectiva da humanização. Somos tantas vezes mestres em expor mazelas, o sejamos então na exposição das virtudes, das belezas que estão em nós!

#Buscar incansavelmente a liberdade#

Aquele que é livre pode fazer tudo o que já faz corriqueiramente, porém o faz com maior alegria! Reconheço nessa minha proposição uma necessidade

urgente de vocês, professores. As nossas escolas precisam ser espaços de manifestação da liberdade humana, de exaltação à sua beleza. Certamente, quando falamos em liberdade, não a desvinculo da responsabilidade, valor este que é também de tal modo importante que destinei uma sessão deste testamento para discuti-lo. Contudo, para conferir à prática pedagógica e também à própria vida um teor mais doce, mais ameno, mais agradável e mais alegre, é preciso romper com as estruturas que nos encarceram, principalmente com o cárcere da ignorância.

Assim, a transfiguração do homem caracteriza de certo modo a libertação deste da sua ignorância, é um processo, de certo modo, natural, que tem a finalidade de conduzi-lo ao conhecimento adequado, à beatitude que é própria da natureza humana. Na filosofia Spinoziana, a liberdade desponta como um bem do qual os seres humanos devem gozar e que não lhes pode ser usurpado. Tal liberdade está plenamente condicionada pelo conhecimento. Nos dois últimos capítulos da *Ética*, Spinoza retrata a servidão humana e a liberdade humana, ambos os quadros estão condicionados pela mente, sendo a servidão caracterizada pela “impotência humana para regular e refrear os afetos”. Assim, o filósofo aponta para a urgência de adentrarmos num processo de ascese a fim de alcançarmos um nível de conhecimento mais elevado, a partir do qual se torna possível um uso correto da afetividade, em prol da promoção de afetos mais saudáveis (SPINOZA, 2016, p. 263).

Ao mencionar a questão da liberdade humana, o filósofo Spinoza trata da potência da razão, do intelecto. Ele inicia essa parte de sua obra apontando a razão como um “caminho que conduz à liberdade”. Com base nesse caminho, ele aponta a necessidade de construirmos ideias claras e distintas em relação às coisas, especialmente em relação aos afetos. Para Spinoza, é possível traçar uma visão clara e distinta de qualquer afeto, e, ao construir tal visão, um afeto que caracterizava uma paixão deixa de sê-lo. De acordo com a filosofia Spinoziana, a mente tem um maior poder sobre os seus afetos à medida que compreende as coisas; desse modo, quando mais uma mente conhece, menos ela padece, e, quanto maior o conhecimento da mente, maior a capacidade do indivíduo em ordenar seus afetos e direcioná-los para o que é virtuoso (SPINOZA, 2016, p. 365).

Meus caros professores, o filósofo aponta para a importância de agir e viver conduzido pela razão, entretanto a razão mencionada por Spinoza não implica um estado de frieza, isento de emoções e afetos, mas sim, o estado de cultivo cotidiano do que é bom e útil para a pessoa em questão, ação essa que é precedida de reflexão constante acerca do que é virtuoso e deve ser cultivado.

#Conviver bem consigo e com os outros#

Estabelecer relações é algo próprio do ser humano, e não é possível trilhar esse caminho de transfiguração estando isolados dos nossos pares. Para que a humanização consume-se em nós, precisamos estar constantemente relacionando-nos com os outros, contudo essas relações têm que ser saudáveis para ambas as partes. Relacionar-se bem consigo mesmo e com os que nos cercam é algo imprescindível para uma vida saudável.

#Recomeçar sempre#

Somos perfeitos na essência, contudo ainda não o somos na prática, no cotidiano, por isso, enquanto vivemos, ainda estamos submetidos a determinados erros, por isso cabe a nós a opção de pararmos num erro ou aprendermos as lições que este nos ensina e seguirmos adiante. É preciso caminhar sempre. Como já dizia Edgar Morin, mais vale o caminho do que a própria chegada ao seu final. E caminhar sempre exige de nós recomeços.

Diante disso, quis me dirigir diretamente aos que ensinam, pois são os que, em determinados casos, caminham na contramão da “Educação para a Era Planetária”, auxiliam na construção das máquinas humanas por meio dos processos de ensino. Quis dirigir-me a vocês, não para culpá-los, pois vocês são igualmente vítimas desse sistema, mas para lhes sugerir um caminho que, embora seja muito falado, é ainda pouco praticado.

Quis dirigir-me a vocês para pedir-lhes: sejam humanos!

Demonstrem pelas palavras, mas, muito mais, pelo exemplo, pela prática o que é ser humano, possuir esse calor vivo que afeta os que estão ao seu redor; sejam autênticos humanos nas relações que vocês tiverem de estabelecer ao longo da sua vida e do seu exercício profissional.

Nesse sentido, fica para o ensino a importância da humanização para que a mencionada sociedade-mundo torne-se uma realidade e essa educação humanizada e humanizante passe pelo ensino com afeto e pelo ensino do valor e da potência da afetividade quando bem utilizada pelos indivíduos.

A humanização do ensino passa pela compreensão plena do homem, e um ensino que se queira de fato eficaz, no contexto da “Era Planetária”, necessita conduzir os seres humanos ao entendimento do seu lugar no mundo e do sentido que une toda a humanidade num só conjunto de cidadãos-planetários.

Um ensino humanizado e humanizante é aquele que forma as pessoas a fim de que estas desenvolvam características como respeito, ética, honestidade, responsabilidade, atenção, altruísmo, generosidade, empatia, sobretudo, amor. No entanto, essas coisas não devem ser ensinadas como meras teorias ou como utopias, mas devem ser praticadas em todos os contextos de educação, devem ser tidas como prioridades das escolas, das práticas pedagógicas, caso contrário, a educação estará contribuindo para a manutenção e disseminação das tantas patologias que assolam a humanidade. É preciso atentar-se para um princípio presente em muitas comunidades humanas, desde as mais antigas: o princípio do amor.

Prezados professores, ao longo do meu testamento, mencionei diversos pensadores que abordaram o tema “ética” em seus escritos. Se você chegou até aqui, isso é sinal de que percorremos juntos um caminho de possibilidades de transfiguração, perpassando desde a ética de Spinoza à ética de Edgar Morin.

Toda essa imersão por tantas perspectivas de ética serve a um fim: mostrar a vocês o que de fato é ser um humano que vive eticamente e como esse princípio pode e deve ser vivenciado por vocês, professores, no contexto das salas de aula.

Encerro este testamento afirmando que o ser humano ético é aquele que é capaz de viver bem, baseado em determinados princípios.

Numa perspectiva Spinoziana, o viver ético compreende conhecer a si mesmo, a própria essência e, uma vez se conhecendo, regular e refrear os afetos, vivendo na constante busca pelo conhecimento adequado, o conhecimento intuitivo.

Partindo do pensamento Moriniano, vive eticamente aquele que consegue superar uma visão mutilada do homem e da sociedade e, nesse sentido, percebe as coisas numa perspectiva integrada, complexa. O indivíduo ético é aquele que se reconhece como um cidadão-planetário, como parte de um sistema grandioso de indivíduos e que, reconhecendo-se parte de uma comunidade global, vive baseado em valores como respeito, solidariedade, empatia, compreensão, amor.

Assim, a partir do exemplo da minha vida, na qual busquei ardentemente a humanização, desejo que vocês, professores, antes de mais nada, transformem o espaço das suas salas de aula em lugares marcados por esses valores. Desejo que consigam enxergar a beleza no outro, mesmo que este esteja chagado e ferido na alma; que consigam perceber que a frieza atrofia a beleza da alma humana, enquanto que a empatia, a solidariedade, o respeito, o amor são capazes de tornar a alma mais bela, mais vigorosa; que sejam capazes de dar novo alento aos espíritos muitas vezes mutilados por uma sociedade que desaprendeu a enxergar as pessoas na sua condição de seres humanos, com subjetividades, com anseios, com sonhos; que consigam apreender os sonhos dos seus alunos e lhes dar ânimo para alcançá-los, dar-lhes esperança para continuar a sonhar e a viver, mesmo que o mundo negue-lhes esse direito.

Desejo também que vocês consigam olhar para si mesmos com compreensão, reconhecendo o próprio inacabamento e persistindo num caminho de transfiguração pessoal, na busca do próprio crescimento e do bem viver. Desejo que consigam olhar para si mesmos com carinho, com respeito e com admiração, mesmo diante dos limites e imperfeições pessoais.

Tendo dito essas coisas a vocês, agora tenho em paz o espírito, posso descansar, pois sei que essas coisas, asseguradas pela lei em testamento, chegarão até o seu destino. Contudo, uma vez que este texto chegou até você, cabe-lhe a responsabilidade de praticar as coisas aqui propostas e multiplicá-las, a fim de, juntos, compormos uma rede de transfiguração das nossas salas de aula.

Encerro este testamento com uma frase que resume o que desejo a vocês e que é atribuída a alguém que deixou atrás de si um grande legado para a humanidade:

Comece fazendo o que é necessário,

*depois o que é possível,
e de repente você estará fazendo o impossível
(Francisco de Assis)*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASIMOV, Isaac. **O Homem Bicentenário**. São Paulo: Hemus, 1980.

CODO, Wanderley (Org.). **Educação: Carinho e Trabalho**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CODO, Wanderley; VASQUES-MENEZES, Iône. O que é Burnout? In: CODO, Wanderley (Org.). **Educação: Carinho e Trabalho**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

DYSON, Freeman. **Mundos Imaginados**. 1. Reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FIGUEIREDO, Renato Pereira de. **Frankenstein, o Prometeu Moderno: Ciência, Literatura e Educação**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.

HAN, Byung-Shul. **A Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

MEIS, Leopoldo de. **Ciência, Educação e o Conflito Humano-Tecnológico**. 3. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2002.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, Edgar. **O Método 6: Ética**. 5 ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MORIN, Edgar; CIURANA, Emílio-Roger; MOTTA, Raul Domingo. **Educar na Era Planetária: O Pensamento Complexo Como Método de Aprendizagem no Erro e na Incerteza Humana**. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

PENNAC, Daniel. **Mal de Escuela**. Barcelona: Debolsillo, 2008.

SNOW, Charles Percy. **As Duas Culturas: Uma Segunda Leitura**. São Paulo: EDUSP, 2015.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. 3. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.